



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO  
PROCESSO DE SEPARAÇÃO DOS PAIS PELO DIVÓRCIO.

LÚCIA MARIA OLIVEIRA DA SILVA

FORTALEZA

2005

A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO  
PROCESSO DE SEPARAÇÃO DOS PAIS PELO DIVÓRCIO.

LÚCIA MARIA OLIVEIRA DA SILVA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA  
CLÍNICA E INSTITUCIONAL COMO  
REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE ESPECIALISTA PELA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

FORTALEZA

2005

## **Dedicatória**

*Dedico este trabalho com muito orgulho ao meu pai (In. Memorian), João Martins e minha mãe Maria Flora, como forma de reconhecimento e gratidão por todo o amor e incentivo constantemente emanado a mim, aos meus irmãos, Adriana, Sandra, Isac por serem pessoas que sempre fizeram parte da minha vida.*

*Ao Ximenes, meu namorado, amigo e companheiro, sempre me dando força e todo seu apoio, carinho nos momentos de maiores dificuldades durante este percurso.*

*Em especial a minha querida família que junto a mim enfrentou momentos difíceis, mas pelo amor existente de Deus superamos, e muito da força que tive nestes últimos anos agradeço a eles.*

*As minhas amigas Aldira, Marta Stela, Milena Leadebal e Rosilene Bastos, as quais estiveram presentes tanto em sala de aula como fora dela.*

*Agradeço a alguém que sem a sua ajuda seria impossível a realização dessa monografia, a Dra Helena Holanda pela profunda admiração como pessoa e orientadora que compartilhou toda a sua sabedoria*

*E por fim, a todas as crianças, filhas de pais separados, que estejam enfrentando ou enfrentaram este processo tão doloroso e angustiante em suas vidas.*

*A todos os pais que enfrentam o processo de separação, para que forneçam o suporte necessário a seus filhos para que atravessem este momento da melhor forma possível. A todos minha imensa gratidão e carinho. E nesse momento brindo com vocês minha tão brilhante e almejada Vitória.*

## **Agradecimento**

*Primeiramente á DEUS, por todo o amparo e proteção durante todos os momentos de minha vida; e por ter me concedido o Dom da Vida;*

*A meus pais por terem me dado a vida; meus grandes amigos e incentivadores, pelo enorme Amor que me serve de combustível na busca de meus objetivos;*

*Aos meus irmãos, estão sempre presentes em minha vida me dando a força necessária para prosseguir minha caminhada; pelas alegrias e tristezas, as quais me permitiram grande crescimento e amadurecimento;*

*Ao meu namorado Ximenes pelo seu carinho e apoio, enchendo a minha vida de alegria e me preenchendo com seu amor;*

*As minhas amigas do curso pelo dia a dia vivido na instituição; por serem pessoas que me surpreendeu com vontade, alegria e disposição, mesmo nos momentos mais difíceis desta pesquisa; Aos educadores que contribuíram para meu aprendizado, pois muitas vezes deixaram de ser educadores e foram amigos (as); Em especial a orientadora Dra Helena Cláudia Frota Holanda pela profunda admiração como pessoa e orientadora que compartilhou toda a sua sabedoria e principalmente pelo apoio gentilmente fornecido e em especial por seu incansável apoio e brilhante profissionalismo que muito me enriqueceu durante este ano e ao Prof Gonzaga, pessoas que foram de extrema importância na construção deste.*

*Aos autores, por terem caminhado ao meu lado, com enorme esforço e dedicação, enriquecendo esta pesquisa com suas grandes contribuições; E por fim, a todas as crianças, filhas de pais separados, que estejam enfrentando ou enfrentaram este processo tão doloroso e angustiante em suas vidas. A todos os pais que enfrentam o processo de separação, para que forneçam o suporte necessário a seus filhos para que atravessem este momento da melhor forma possível. A todos minha imensa gratidão e carinho. E nesse momento brindo com vocês minha tão brilhante e almejada Vitória.*

*“Seus filhos não são seus filhos. Eles não vêm de vocês, mas através de vocês.*

*Vocês podem amá-los, mas não obrigá-los a pensar da mesma maneira que vocês, pois eles têm os seus próprios pensamentos.*

*Vocês podem cuidar de seus corpos, mas não de suas almas, pois eles moram em casas futuras que nem em sonho vocês podem visitar.*

*Vocês tentarão imitá-los, mas não poderão torná-los semelhantes a vocês, pois a vida segue adiante, e não se demora no passado”.*

**(Gibran, 1987).**

## RESUMO

Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis no processo global do desenvolvimento humano. Pretende-se nesse estudo fazer uma abordagem numa visão interacionista do desenvolvimento infantil analisando o aspecto da afetividade, enfatizando sua importância no processo da aprendizagem. Para tanto, na primeira parte, refere-se aos postulados teóricos, a Teoria Psicogenética de Henri Wallon de Jean Piaget, e Lev Semenovich Vygotsky e Sigmund Freud, um estudo da dimensão cognitiva e afetiva do funcionamento psíquico humano e a influência destas sobre a aprendizagem. A segunda parte do presente estudo refere-se a um estudo teórico acerca da desestruturação familiar por conta do divórcio dos pais, refletindo na criança e repercutindo no processo da aprendizagem escolar. Outro ponto considerado relevante no estudo foi à questão dos altos índices estatísticos (em anexo) no processo de separação dos pais pelo divórcio, um dos problemas que afeta emocionalmente grande parte das crianças, e atinge emocionalmente todo o contexto familiar causando alterações no processo da aprendizagem. Quanto à análise conjuntiva dos autores percebe-se que as crianças que vivenciam o processo de separação dos pais acabam desenvolvendo baixo rendimento escolar, além de tristezas, solidão, medo, angústia que se faz presente através de problemas a nível tanto orgânico quanto psicológico. Outra sugestão significativa, diz respeito à relação que a criança estabelece com o novo parceiro de seus pais, visto que, no decorrer desta pesquisa foi possível constatar que a criança vê-se envolta a sentimentos como o ciúme, a ameaça e o medo de que os pais estejam menos disponíveis para elas. Foi abordado, a seguir, a contribuição da Psicopedagogia nesse processo, dando oportunidades de atendimento a criança que nesse período passa por certas dificuldades de aprendizagem, oriundos de situações emocionais sob esta ótica foi abordado que a afetividade influencia decisivamente no processo de aprendizagem. Esta pesquisa foi estruturada de forma a possibilitar uma soma de conhecimentos necessários para alcançar os objetivos preconizados.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. AFETIVIDADE INTERLIGADA A APRENDIZAGEM NUMA VISÃO INTERACIONISTA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....	12
2 . A FAMÍLIA E OS EFEITOS DO DIVÓRCIO.....	44
3 . A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NESSE PROCESSO.....	68
4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87

## ANEXOS

## INTRODUÇÃO

O aspecto afetivo desempenha papel essencial no processo da aprendizagem humana. É incontestável que a afetividade desempenhe papel fundamental e importante no funcionamento da inteligência. Ambos os processos são vistos, quando não ligados diretamente numa sintonia, interferem como obstáculo no desenvolvimento cognitivo da criança. Visto que o desenvolvimento é sempre cognitivo e afetivo simultaneamente.

Para desenvolverem-se plenamente em todas as áreas do desenvolvimento humano, as crianças necessitam conviver num ambiente de relações afetivas estáveis com os pais, pois esse relacionamento afetivo entre pais e filhos é de extrema importância na formação da personalidade da criança, como também professores e as demais pessoas que a cercam.

A relação existente entre a afetividade e a aprendizagem da criança numa visão interacionista do desenvolvimento infantil, é considerada neste trabalho como propósito de analisar as conseqüências ocasionadas pelas dificuldades no desenvolvimento e nas perdas no processo da aprendizagem. Investigando assim, de que maneira o processo de separação dos pais atinge negativamente o nível emocional e conseqüentemente o nível cognitivo, implicando um baixo desempenho escolar infantil da criança que se encontra no período operatório concreto.

A problematização é, portanto, investigar a influencia que a afetividade causa no desenvolvimento cognitivo da criança, afetando seu rendimento escolar como fator neste processo de perdas e ganhos. Intenciona-se demonstrar como os fatores afetivos se apresentam nesse processo e a sua influência no processo de aprendizagem. O estudo sobre o tema me interessou por se destacar nos dias atuais como relevante e por apresentar altos índices estatísticos, concedidos pelo IBGE (em anexo) e ao mesmo tempo um momento conflituoso, tanto para os pais como principalmente pelo sofrimento causado na criança.

O tipo de análise realizado nesta pesquisa é qualitativa, revisão de assunto, no estudo foram utilizadas fontes bibliográficas de livros, autores revistas, enfim, qualquer documento que relatava o assunto a ser estudado. A faixa etária escolhida foi justamente o período operatório concreto do desenvolvimento infantil.

PIAGET (1995), explica que nesse período que se inicia aos sete anos, coincide com o início da escolaridade da criança, propriamente dita, onde marca uma modificação decisiva no desenvolvimento mental. Numa visão psicanalítica, Freud a conceitua que a criança encontra-se numa fase conceituada fase de latência.

O conflito suscitado por uma separação é algo que precisa ser esclarecido por parte dos pais, professores e de todos aqueles que convivem com crianças que vivenciam a cada dia nesse processo tão desgastante emocionalmente. A psicopedagogia tem como meta, neste caso, contribuir para que possa proporcionar exclusivamente as crianças que passam pelo problema, o devido amparo e encaminhamento para que possa atravessar este momento de maneira menos conflituosa. Devido a esse quadro a criança passa a apresentar dificuldades de aprendizagem prejudicando seu rendimento escolar. Nestes casos a criança necessita de um acompanhamento psicopedagógico que facilite a situação e solucione suas dificuldades para que possa atravessar este momento de maneira menos penosa possível.

O processo de separação dos pais pelo divórcio torna-se uma das principais causas como bloqueio no desenvolvimento da aprendizagem da criança em desempenho escolar. Isto é, a causa emocional interfere diretamente no seu processo de aprendizagem. Algumas crianças infelizmente vivenciam a separação dos pais de uma maneira brusca e conflituosa. Na maioria essas crianças apresentam dificuldades na área cognitiva e afetiva tornando-se crianças ansiosas, deprimidas, estressadas, negativas conseqüentemente fatores emocionais que interferem bruscamente seu rendimento escolar.

Qualquer mudança na estrutura familiar é acompanhada por deslocamento e estresse. No caso de divórcio ou separação, quando um adulto é subtraído da família, o deslocamento parece ser especialmente severo. Nos anos seguintes a um divórcio, as crianças se tornam mais desafiadoras, mais negativas, mais agressivas, deprimidas ou zangadas. Se estão em idade escolar, seu desempenho escolar costuma piorar pelo menos durante um período. (BEE, 1996, p. 388).

Partindo-se deste difícil momento na vida destas crianças, é de suma importância realizar um estudo acerca de como a psicopedagogia contribui neste contexto, quer seja no tratamento destas crianças atingidas neste processo, quer seja na prevenção deste. Da mesma forma, destaca-se a grande relevância do tema em questão com vistas ao elevado índice de divórcio, fazendo deste um fenômeno cada vez mais presente na atualidade e na vida destas crianças.

Nesta pesquisa expõe questões sobre a relação entre a afetividade e aprendizagem da criança que convive com o processo de separação dos pais, obtendo como base à compreensão da atividade mental nesse processo, as conseqüências deles sobre o desenvolvimento ou as perdas no processo da aprendizagem. Tendo também como meta esclarecer algumas estratégias que possibilitem a integração desse processo junto a uma abordagem psicopedagógica. E para esse fim considerações teóricas acerca de autores inseridos neste estudo.

A importância desse trabalho fundamenta-se na contribuição para que essas crianças possam desempenhar suas atividades escolares de vida diária em seu convívio social.

## 1 AFETIVIDADE INTERLIGADA A APRENDIZAGEM NUMA VISÃO INTERACIONISTA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

A criança, desde o seu nascimento, sente uma necessidade muito grande de atenção, carinho e afeto para viver um processo contínuo e harmônico de socialização e integração, que contribui satisfatoriamente no seu desenvolvimento físico, psíquico-social e afetivo da criança, durante toda a sua vida.

A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida a curiosidade e o aprendizado. O processo de conhecer a si mesmo e ao outro está internalizado, e nessa relação está a importância da afetividade para o bom desenvolvimento integral do ser humano. As famílias menos organizadas, com problemas emocionais, de relação afetiva instável, com problemas de comunicação familiar e com atitudes e modelos paternos que possibilitem aprendizagens inadequadas incidem sobre o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo das crianças.

A criança sente necessidade da presença dos pais ou de um outro adulto para lhe dar segurança física e emocional, levando-a a exploração do ambiente em que está inserida e, portanto, a aprender. Como elemento essencial, este interagir da criança com uma pessoa adulta, mais precisamente os pais, envolve a emoção, a afetividade. Assim, é necessário esclarecer que a separação dos pais ou a perda dos laços afetivos pode ser traumática em relação ao desenvolvimento físico, social, intelectual e cognitivo da criança.

Em determinadas situações, seja em contatos familiares ou em relacionamentos sociais, o vínculo afetivo é considerado muito importante. Todos sentimos a necessidade do outro, de sermos amados e aceitos, essa necessidade nos concebe únicos e imprescindíveis em nossos relacionamentos emocionais e sociais, assim como, é primordial satisfazer nossas necessidades básicas de sobrevivência,

para que nos sintamos seguros, possibilitando oportunidades de se criar novos mecanismos de independência e iniciativa para saídas e solucionar problemas.

Evidentemente, algumas crianças enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Não lhes é fácil abstrair e generalizar; elas sofrem inúmeros medos, perdas e problemas de relacionamento com adultos e os próprios pais. Infelizmente algumas crianças apresentam tais dificuldades devido, sobretudo a desajustes emocionais e familiares.

Conceituar e analisar as relações entre o desenvolvimento cognitivo e afetivo são complexas e importantes numa visão interacionista do desenvolvimento infantil, antes de verificar teoricamente segundo autores interacionistas se tornaria indispensável uma explanação acerca da importância de um vínculo afetivo diante da interligação de ambos os aspectos, afetivos e cognitivos para o desenvolvimento infantil. Levando em conta a grande importância que lhes atribuímos, exploramos, entretanto, através de uma visão conjuntiva, o desenvolvimento da criança, segundo as escolas mais representativas e significativas da psicologia genética, isto é, as de *J. Piaget*, *H. Wallon*, *L. Vygotsky* e a obra psicanalítica, a partir de *S. Freud* para complementação desse trabalho.

WALLON (1978), entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana. É a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho. Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular.

WALLON (1971), a criança é constituída puramente de emoção durante uma longa fase de sua vida, atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o *social* e o *orgânico*.

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1971, p.262).

AJURIAGUERRA (1998), Wallon se deteve em estudar a interação entre o aspecto motor e a afetividade no desenvolvimento da criança e seu campo social, segundo o autor a afetividade é um tema central na obra de Henri Wallon, como um dos principais elementos do desenvolvimento e do conhecimento humano, propõe a psicogênese da pessoa completa, ou seja, o estudo integrado do desenvolvimento.

Considera que não é possível selecionar um único aspecto do ser humano e vê o desenvolvimento nos vários campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil (afetivo motor e cognitivo). Para ele o estudo do desenvolvimento humano deve considerar o sujeito como um ser "*geneticamente social*", incluindo assim, a criança contextualizada nas relações com o meio.

DANTAS (1994), cognição e afetividade são dois processos interligados que se auto alimentam. Em sua perspectiva genética a inteligência e afetividade estão integradas, a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas, no entanto, admite que ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência.

AJURIAGUERRA (1980), Wallon privilegia a relação entre os domínios afetivo e cognitivo, na medida em que criou uma teoria do desenvolvimento da personalidade, estudando a passagem do orgânico ao psíquico. Verificou que nesse processo, ocorre concomitantemente o desenvolvimento de ambos os domínios. O desenvolvimento da personalidade oscila entre os movimentos ora afetivos, ora cognitivos, que são interdependentes em outras palavras, á medida que o aspecto afetivo se desenvolve, interfere na inteligência e vice-versa.

O autor explica a grande importância que afetividade tem sobre a inteligência, constituindo um par inseparável na evolução psíquica, pois embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento, são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

GALVÃO (1995), o desenvolvimento cognitivo depende essencialmente de como cada criança desempenha suas diferenciações com a realidade exterior. Isso porque, essas idéias são lineares e se misturam, gerando conflitos permanentes entre dois mundos, o interior, idealizado por sonhos e fantasias e o real, cheios de símbolos, códigos e valores, sociais e culturais. Portanto, é a partir da solução dos confrontos que a inteligência evolui.

Considera que os dois processos do desenvolvimento afetividade e cognição estão sincreticamente misturados, o ser humano na sua construção é concebido por momentos predominantemente afetivos ou cognitivos, jamais vistos numa visão paralela, mais integrados. Wallon acredita que a criança que sente está a caminho da criança que pensa.

GALVÃO (1995), os estágios do desenvolvimento infantil sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva. Segundo Wallon (1995), apresenta uma concepção não linear do desenvolvimento, marcado tanto por avanços como por

retrocessos, ou seja, sem o conflito existente não há crescimento. Por outro lado, a suma importância em sua obra hoje, se justifique pela preocupação de se firmar sua especificidade na psicologia infantil, opondo-se, segundo ele a qualquer espécie de reducionismo as formas quanto ao aspecto biológico e social.

Para ele o desenvolvimento da criança passa por fases, onde estas estão marcadas, umas pela própria construção interna e própria do indivíduo e outras pela abertura feita ao mundo exterior, seus estágios definidos assim como um estado transitório de equilíbrio. Valoriza os estágios descritos a partir do desenvolvimento emocional e da importância a socialização, não considera a passagem de um estágio ao outro como simples ampliação, mas numa construção progressiva.

Segundo Ajuriaguerra (1998), a fase que Wallon definiu como da personalidade polivalente (*categorial*), inclui-se a idade a partir dos seis anos, com o início da escolarização, a criança afetivamente, começa a estabelecer laços com o ambiente social que a cerca, apesar desse momento de profundas incertezas e mudanças, ela simultaneamente amplia suas experiências sociais. É apenas no começo da escolaridade, que a criança possui os meios intelectuais e a ocasião de se individualizar de modo evidente. O surgimento da vida social na escola lhe possibilitará estabelecer novos relacionamentos em seu meio, onde tais ligações fortalecerão ou enfraquecerão segundo os interesses e circunstâncias.

GALVÃO (1995), a criança em idade escolar, depois do seis anos, começa apresentar interesse sobre as coisas, Wallon fala que nessa idade e o ingresso na escola propriamente dita, marca uma etapa importante na personalidade da criança. No desenvolvimento intelectual no período dos sete aos doze, o pensamento sincrético recua ante a análise e a síntese, a criança passa a profundas transformações aproximando da objetividade da percepção e do pensamento dos adultos. Os progressos intelectuais motivam a criança a conhecer e conquistar o mundo exterior à inteligência encontra-se enriquecida tanto pela consolidação da função simbólica como pela diferenciação da personalidade.

Percebe-se ao conhecer um pouco da obra de Henri Wallon, que a afetividade é, ainda, um campo aberto para investigações, com sua contribuição ao desenvolvimento humano, encaminha novos horizontes para estudos complementares.

A discussão esboçada traz a certeza de um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com uma concepção que atribuía ao desenvolvimento do intelecto, dos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, relegando os aspectos emocionais e afetivos de nossa vida a um segundo plano. Acredita-se poder avançar as discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação, incorporando no cotidiano de nossas escolas o estudo sistematizado dos afetos e sentimentos, encarados como objetos de conhecimento.

Seguindo a linha interacionista do desenvolvimento infantil, faz-se necessário uma fundamentação acerca da teoria do desenvolvimento cognitivo e afetivo, e o modo como ambos se processam diretamente no psiquismo infantil na visão de Jean Piaget, considerado como um dos autores que maior evidencia o processo de ensino e aprendizagem.

Teve grande dedicação ao estudar as mudanças do desenvolvimento que ocorre no indivíduo (ontogenética) em seu funcionamento cognitivo, ou seja, interessou-se em entender como as crianças pensavam e como o processo cognitivo do pensamento infantil funcionava. Segundo Piaget, a "aprendizagem é um processo mental, normal, harmônico e progressivo, de adaptação, descoberta e reorganização mental, em busca da equilibração da personalidade". (PIAGET, 1982, p.15).

WADSWORTH (1992), o desenvolvimento intelectual é envolvido tanto por componentes cognitivos e afetivos. Segundo Piaget, seria impossível determinar comportamentos exclusivamente afetivos sem considera-los aos elementos cognitivos, pois paralelo a um está o outro. Ambos formam uma unidade no funcionamento intelectual do ser humano.

Explica que o afeto inclui os sentimentos, os desejos, os valores e as emoções. Acredita que há aspectos do afeto que se desenvolvem e um deles tem a ver com a motivação ou energização da atividade intelectual, que desempenha uma profunda importância sobre o desenvolvimento intelectual. "A inteligência e o afeto não se separam do social e este último passa a ser mais atuante na construção da vida mental a partir do aparecimento da linguagem". (CÓRIA, 1998, p. 58).

WADSWORTH (1992), várias são as dimensões apresentadas pelo afeto, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas), neste estudo predominou a importância de dois aspectos oriundos do afeto, o primeiro seria a motivação para o ato intelectual, isto é, precisamos de algo para acionar o conhecimento. O segundo seria o aspecto da seleção, isso explicaria o interesse de selecionarmos nossas atividades intelectuais. Piaget acredita que essa seleção não está diretamente ligada pelas atividades cognitivas, mas sim por ser comum da afetividade, neste caso, o interesse.

WADSWORTH (1992), dessa forma não condiz em sua obra considerar a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados, aceita que apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensorio-motoras. Explica que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Acredita que o sujeito constrói sua inteligência ao mesmo tempo em que constroem todo o seu conhecimento sobre a realidade, atuando sobre o mundo físico e social.

GARAKIS (1998), o desenvolvimento afetivo é um componente indispensável à área cognitiva do ser humano. Ele é condição básica e necessária na construção da inteligência. A afetividade desenvolve base essencial no funcionamento da inteligência, sem a existência desse dualismo se integrando conjuntamente, não haveria êxito ao processo do desenvolvimento psíquico infantil.

Na composição de sua obra, acrescenta-se ainda à relação entre a afetividade, socialização e moralidade no desenvolvimento mental. O fato destas outras

dimensões não terem sido aprofundadas por ele, em momento algum desconsiderou ou desvalorizou esses aspectos, ao contrário, reconheceu como aspectos de uma mesma conduta. "A afetividade constitui a energética da conduta e enquanto a cognição permite sua estruturação. Esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares". (GARASKI, 1998, p.97).

WADSWORTH (1992), a afetividade é um termo indispensável quanto ao processo cognitivo, pois, muito influencia no desenvolvimento intelectual, podendo diminuir ou agilizar o processo de desenvolvimento. Embora o aspecto afetivo influencie na mudança de alguns esquemas, este fator, por si só não os modifica, da mesma forma que a criança assimila e acomoda as experiências em suas estruturas cognitivas, as estruturas afetivas e sociais vão sendo construídas.

Com isso, o aspecto da afetividade pode influenciar sobre o desenvolvimento intelectual. Isso por que, poderá ocorrer um aceleração ou uma diminuição no ritmo de desenvolvimento. O aspecto afetivo seria responsável por qualquer atividade intelectual. No caso de uma criança em idade escolar, por exemplo, que passa por problemas familiares, conseqüentemente irá comprometer seu ritmo no desenvolvimento, repercutindo uma diminuição em seu rendimento escolar, até porque ela acompanha constantemente o funcionamento da inteligência. É importante salientar, de acordo com Piaget que tal aspecto não tem poder em modificar as estruturas cognitivas, ele pode sim apenas influenciar quais estruturas poderão se modificar.

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo que assume a afetividade, seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura, ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade.

WADSWORTH (1992), não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando

discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o *interesse* em assimilar o objeto ao *self* (o aspecto cognitivo é a compreensão), enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fenômeno).

WADSWORTH (1992), à medida que os aspectos cognitivos se desenvolvem, predominam um desenvolvimento paralelo da afetividade, seus mecanismos de construção na verdade são os mesmos. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a inteligência. Nesse mesmo pensamento afirma que qualquer comportamento apresenta ambos aspectos do desenvolvimento: afetivo e o cognitivo, não existem comportamento predominantemente cognitivo, como não há comportamento afetivos, seria impossível encontrar comportamentos afetivos, sem nenhuma ligação ao elemento cognitivo.

Segundo CÓRIA (1998), cognitivamente o desenvolvimento não é simplesmente o resultado de um processo maturacional, e tampouco é único como sendo produto das influencias do meio. Explica que o significado de interação denomina-se que o organismo tem uma relação ativa com o meio. Biologicamente, consiste a inteligência como fonte de adaptação ao meio pela ação. Com isso a inteligência se amplia junto às formas de agir mediante a construção de novos esquemas mentais, tais processos permitem novas absorções de informações e desafios, o que gera novos esquemas, e assim sucessivamente. "O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior". (PIAGET, 1995, p. 13).

WADSWORTH (1992), para compreender melhor o funcionamento do desenvolvimento cognitivo, Piaget definiu o aspecto cognitivo em três componentes bem definidos, o *conteúdo*, estaria ligado ao que a criança já conhece, isto é, aos comportamentos observáveis, sensório-motor e conceitual, refletindo a atividade intelectual, variando de idade e de criança. A *Função* estaria ligada as características da atividade intelectual: assimilação e acomodação, ambas consideradas estáveis,

continuas no processo do desenvolvimento cognitivo. A *Estrutura* conceituaria aos esquemas (determinados conceitos) onde estaria a explicação para determinados comportamentos." O desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido". (PIAGET, 1995, p. 14).

Piaget, em seus estudos sobre a epistemologia genética, demonstrou o desenvolvimento cognitivo infantil, dentro de uma perspectiva lógico-formal. Para Piaget, as atividades mentais, assim como as atividades biológicas, têm como objetivo a nossa adaptação ao meio em que vivemos. De acordo com essa postura teórica a mente é dotada de estruturas cognitivas pelas quais o indivíduo intelectualmente se adapta e organiza o meio. Toda criança, a partir dessa perspectiva nasceria com alguns esquemas básicos (reflexos) e na interação com o meio iria construindo o seu conhecimento a respeito do mundo, desenvolvendo e ampliando seus esquemas. Os esquemas cognitivos do adulto derivam dos esquemas da criança e os processos responsáveis por essa mudança são assimilação e acomodação. Assimilação seria o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra um novo dado perceptual, motor ou conceitual nos esquemas ou padrões de comportamento já existentes. Já a Acomodação seria a criação de novos esquemas ou a modificação de velhos esquemas.

Sendo adaptação a vida afetiva, supõe igualmente uma assimilação contínua de situações presentes às situações anteriores, assimilação que engendra a existência de esquemas afetivos ou maneiras relativamente estáveis de sentir e reagir e uma acomodação contínua destes esquemas ao presente". (CÓRIA, 1998, p.57).

Os processos de adaptação acontecem através de dois processos complementares, no caso, a *assimilação* e a *acomodação*. Com a ação do organismo sobre o meio temos a assimilação, o organismo ao assimilar algo, está introduzindo ou incorporando elementos do exterior. Ele, primeiramente acomoda, ocorrendo uma modificação necessária para que a assimilação seja efetivada. Sendo assim, há a

necessidade de uma modificação do esquema (acomodação) para que haja a assimilação dos elementos do meio exterior, pode-se então definir adaptação como um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação ou um equilíbrio dos intercâmbios entre o sujeito e os objetos. “Todo e qualquer ato, cognitivo e afetivo, implica uma incorporação de experiências e sentimentos novos aos antigos (assimilação) através de uma transformação das experiências e sentimentos antigos (acomodação)”. (CÓRIA, 1998, pg. 57).

Nesse caso a acomodação seria a formação de novos esquemas já existentes ou a construção dos velhos absorvidos pela assimilação como um processo complementar. Ou mais, refere-se à ação dos objetos de conhecimento sobre o sujeito, modificando seus esquemas de ação ou não, visando sempre captá-lo melhor. Com isso, o indivíduo pode perfeitamente melhorar suas habilidades, estratégias na reorganização de suas idéias. “A ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração”. (PIAGET, 1995, p. 16).

De acordo com esses mecanismos, Piaget revela que sempre que ocorrer um conflito, a mente humana entra em desequilíbrio. Portanto, pressupõe-se que no seu funcionamento exista uma organização conjuntiva, Isto é, o ser humano faz acomodações, modificando seus esquemas para se adaptar à realidade, ou seja, volta ao seu estado de equilíbrio.

A mente não é formada por capacidades independentes, mas constitui-se em uma estrutura organizada em que cada parte depende do sistema geral. Desse modo, desde que à criança sejam concedidas oportunidades progressivas para agir sobre o mundo que a rodeia (quer físico ou social), seu desenvolvimento cognitivo deverá ocorrer como uma construção natural, ao se reequilibrarem esquemas e estruturas, ao longo de contínuas assimilações e conseqüentes acomodações “. (CÓRIA, 1998, p 143).

AJURIAGUERRA (1980), os estágios foram definidos em quatro grandes períodos no desenvolvimento cognitivo, onde estão intimamente integrados ao desenvolvimento afetivo e social da criança. São conceituados como operacionais,

tendem a aprofundar o conhecimento do modo individual de organização de cada criança no grau evolutivo, segundo ele, não existe uma determinação quanto à cronologia, porém a ordem de sucessão é permanente, sendo que, para que se atinja um novo estágio é necessário ter passado pelos estágios anteriores.

Piaget define estágio como o modo de organização da atividade mental e que possui dois aspectos específicos: o afetivo e o intelectual. Em um sentido mais amplo, ele entendeu que as mudanças de ordem intelectual e cognitiva resultam de um processo de desenvolvimento.

Neste mesmo sentido Wadsworth (1992), coloca que, as idades cronológicas dos estágios não são fixas, os intervalos existentes entre as idades, apresentados por Piaget, têm caráter normativo, significando que é esperado de uma criança com estágio correspondente.

No estágio das operações concretas (7-11), a criança apresenta uma mudança muito importante quanto ao desenvolvimento cognitivo, o raciocínio da criança torna-se lógico, abrangendo o que Piaget chamou de operações lógicas. Pode-se conceituar operação lógica como as ações cognitivas internalizadas que possibilitam que a criança alcance conclusões verdadeiramente lógicas. Operações (seriam as noções de objetos).

WADSWORTH (1992), ao contrário das operações formais, as operações concretas recaem diretamente sobre os objetos, ou seja, agir sobre objetos, cognitivamente a criança nesse estágio operacional concreto consegue compreender resolução dos problemas de conservação, seriação e inclusão de classe, diminuição do egocentrismo, capacidade de descentrar as percepções, acompanhamento das transformações e realização de operações inversas. A criança deste estágio, diante de um conflito entre o raciocínio e a percepção, busca o raciocínio para realizar seus julgamentos.

De acordo com a teoria piagetiana, a interação social é um agente que favorece o desenvolvimento cognitivo. Assim, interações sociais são comportamentos

que possibilitam um completo intercâmbio entre no mínimo duas pessoas e que ocorre, por exemplo, em conversações, brincadeiras e jogos.

Afetivamente, as crianças expressam maior receptividade a novas crianças, apesar da família continuar a desempenhar suas funções, agora dar espaço a escola como elemento de extrema importância ao desenvolvimento da criança, possibilitando aprendizagens que lhes serão úteis no futuro, tornando-se fator importante no processo de identidade.

No aspecto afetivo da criança do estágio das operações concretas, os aspectos referentes à vontade, autonomia, regras, intenção e julgamentos assumem papel relevante. A vontade é o elemento de auto-regulação do afeto e é através dela que os valores são mantidos. No estágio das operações concretas, os sentimentos e as experiências afetivas são conservados, a criança é capaz de realizar, individualmente, suas avaliações quanto a moral, o que não significa que tais avaliações sejam inteiramente corretas.

CÓRIA (1998), para Piaget a existência de qualquer atividade mental se inicia logo com o nascimento e destaca-se que a inteligência é um considerado como um processo espontâneo do desenvolvimento, incluindo tanto fatores externos como internos.

O estudo de Jean Piaget se deteve ao longo de sua vida estudar sobre o processo do funcionamento cognitivo da criança, priorizando como seria a mente de uma criança no processo da aprendizagem. Ressalta que o ser humano se torna progressivamente capaz de construir o conhecimento, onde esse conhecimento provém das ações, é a partir dessas ações que a criança começa a organizar seus novos conceitos. É bom lembrar que para a visão de Piaget, essas estruturas cognitivas jamais serão inatas ao homem. "O desenvolvimento das estruturas cognitivas e do conhecimento é um processo evolutivo que ocorre no interior de cada indivíduo". (WADSWORTH, 1992, p. 144).

Piaget não se deteve longamente sobre a questão, social e emocional, contentando-se em situar as influencias e determinações da interação social, as emoções sobre o desenvolvimento da inteligência. Ele em momento algum negligenciou o efeito da interação social sobre a aprendizagem. Tal questão segundo o qual o homem é, como dizia Wallon, geneticamente social vale para a teoria de Piaget.

Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e a imitação, como as relações "exteriores" (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo. (YVES DE LE TAILLE, 1992, p. 11).

WADSWORTH (1992), baseado em estudos piagetianos, as mudanças cognitivas e intelectuais são resultantes de um processo contínuo de desenvolvimento, são graduais e nunca abruptas. O desenvolvimento intelectual pode ser classificado em quatro estágios do desenvolvimento humano, onde cada nova etapa dos estágios é construída sobre as etapas anteriores, integrando-se a elas. Ou seja, os estágios não obedecem a uma cronologia, mas, sim a uma sucessão funcional. Uma característica que melhor define esse período seria a construção das operações lógicas, nesse período do desenvolvimento do ser humano, denomina-se como a fase escolar, também chamada de período das operações concretas (esquemas internos).

WADSWORTH (1992), nesse período a criança está apta de tornar seus processos mentais em lógicos (operações), atinge um nível maior de atividade intelectual, isto é, ela não atinge cognitivamente o nível mais elevado dos esquemas. É vista como uma criança mais sociável e menos egocêntrica (linguagem).

AJURIAGUERRA (1980), nesse período do desenvolvimento cognitivo, Piaget explica que a criança apresenta um grande progresso na socialização e na objetivação do pensamento. É importante assinalar que o limite nesse estágio assinala com a

necessidade de suporte concreto, pois a criança não está apta ao raciocínio propriamente dito, somente a partir de enunciados verbais.

PIAGET (1995), na vida psíquica os aspectos da inteligência, da vida afetiva e das relações sociais surgem com novas modificações, proporcionando construções e novas ao período seguinte, assegurando-lhes um equilíbrio com estabilidade, cognitivamente nesta fase, coincide com o começo da escolaridade propriamente dita, marcando uma modificação decisiva no desenvolvimento mental, a criança evolui na objetividade do pensamento e não demonstra dificuldades quanto aos problemas de conservação.

A criança nessa fase torna-se incapaz de resolver problemas abstratos, com muitas variáveis, puramente verbais e complexas, seu pensamento estaria limitado à solução de problemas palpáveis (condicionado ao conteúdo), conhecidos no presente, no entanto, aos problemas de modo concreto, a partir da aplicação de operações lógicas podem resolvê-los com eficiência. Nesse estágio ela adquire um censo cognitivo superior ao período anterior, seu pensamento evolui com maior estabilidade, para o autor as “operações lógicas são ações cognitivas internalizadas que permitem à criança chegar a conclusões que são” lógicas “. (WADSWORTH, 1992, p. 92).

GARASKI (1998), vale ressaltar que o início da noção de reversibilidade no pensamento só é possível quando a criança supera o Egocentrismo inicial, no estágio anterior, mostrando-se capaz de interiorizar as ações a ponto de torná-las reversíveis, significando coordenar, no pensamento, as ações de ida e de volta que na vivência sensorial não ocorrem concomitantemente, já que não pode realizar duas ações contrárias e complementares ao mesmo tempo.

O Egocentrismo aqui denominado por Piaget é uma das características do estágio pré-operatório, significando para ele, um não egoísmo por expressar uma conotação afetiva, significando ego (eu) centrismo (centro), demonstrando que a referência primitiva do indivíduo, na elaboração do conhecimento de si e do próprio, é ele próprio.

GARASKI (1998), o que melhor evidencia afetividade e cognição nas passagens dos estágios Pré-Operatório e Operações Concretas seria a transformação do egocentrismo para a reversibilidade.

PIAGET (1995), os afetos neste estágio adquirem consistência que não existiam antes. A criança começa então a apresentar um senso de responsabilidade maior do que no estágio anterior e compreende a conseqüência de seus atos, a criança torna-se também exigente com suas realizações, tendo como parâmetro à comparação com os outros colegas de sua idade, sua independência aprimora-se, afirmando-se na sua identidade e socialmente toma consciência de seu próprio pensamento e dos outros, o que evidencia as trocas sociais. É notório que a criança receba algum tipo de instrução sistemática.

WADSWORTH (1992), Piaget destaca um momento importante nesse estágio, por volta dos sete á oito anos, começa na criança a chamada conservação dos sentimentos e dos valores, passam a coordenar seus pensamentos afetivos de um evento a outro. A criança deixou de apresentar o afeto pré-normativo, no qual era concebida no momento anterior, nesse aspecto do afeto a criança não desenvolvia seu senso de obrigação.

Nesse estágio existem determinadas características que estão ligadas ao desenvolvimento no âmbito afetivo. A conservação dos sentimentos, a formação da vontade e o início do pensamento autônomo. O que caracteriza o pensamento afetivo como reversível. Os sentimentos passaram a ser relacionados com os anteriores, isso explica que, aqueles aspectos dos sentimentos conservados, ou seja, duram de uma situação para outra, estariam ligados ao sentimento do passado. Onde este pode ser transformado em uma parte do raciocínio presente através da capacidade de reverter e conservar. A reversibilidade conduz tanto à lógica do pensamento como do afeto.

Ainda sobre esse aspecto tão difundido por Piaget, compreende que seria fundamental o conceito de vontade e autonomia para entender tal processo no desenvolvimento afetivo. "A vontade assume o papel de regulador (auto-regulação) do

afeto e, portanto, é o mecanismo pelo qual os valores são conservados". (WADSWORTH,1992, pg. 100). Ela permite a regularizar o julgamento afetivo.

A autonomia é vista por Piaget como auto-reguladora. No estágio pré-operacional, as crianças só percebem e aceitam as regras diante de alguma autoridade, seja dos pais, enfim. Os sentimentos morais e o julgamento começam a serem presenciados, elas raciocinam quanto às regras e justiça, mas não conseguem cognitivamente o conceito de intencionalidade. A moralidade infantil nesse estágio se relaciona com o termo obediência, o que Piaget chamou de respeito unilateral.

Elas não conseguem raciocinarem cognitivamente sobre o certo ou errado, acham que tais termos estariam predeterminados pela autoridade máxima e não ligado às suas próprias avaliações morais. Com a entrada no estágio seguinte, elas agora começam a serem capazes de avaliarem suas próprias avaliações, deixando a moralidade heterônoma de obediência a valores preestabelecidos, passando a uma moralidade de cooperação e avaliação. Ou seja, a moral heterônoma, adotada unilateralmente pela criança, cede lugar à autonomia, que ela adquiri no fim deste período. Ambos os termos citados continuam a se desenvolverem nas relações sociais que encorajam o respeito mútuo, a honestidade, o companheirismo e a justiça. O fortalecimento (regras e normas) e a cooperação no grupo torna a criança mais segura de enfrentar determinadas situações criadas por outras.

Outro ponto em questão destacado nesta fase seria o respeito mútuo. Nessa faixa etária do estágio das operações concretas, as crianças tendem a respeitarem os adultos com respeito (autoridade), ligado a uma moralidade de obediência. Piaget ressalta "As crianças só podem desenvolver o respeito mútuo depois de se tornarem aptas a considerar o ponto de vista dos outros". (WADSWORTH,1992, p.101). Esse respeito mútuo significaria o respeito entre "iguais".

O estágio das operações concretas se define como um período central no desenvolvimento contínuo da autonomia afetiva, isso se dar pela transição moral que as crianças adquirem ao saírem de uma perspectiva moral, o chamado respeito unilateral a uma baseada no respeito mútuo, onde essas relações com os outros são de extrema

importância e necessárias. À vontade e autonomia inseridas no desenvolvimento afetivo torna-se claras as evidências nas crianças em relação aos conceitos morais infantis, como as regras, os acidentes, a mentira, a justiça e principalmente o julgamento moral.

Outra característica importante nesta fase seria a forma que o do autoconceito assume como forma mais definida, isso porque a criança compreende que é um indivíduo diferente dos demais, descobre que a aceitação ou rejeição social depende agora de suas realizações influenciando assim a formação do autoconceito. O autoconceito baseia-se naquilo que os outros dizem a seu respeito.

Quanto ao conceito de moralidade nessa fase da vida, talvez o ponto mais importante seja a mudança quanto à orientação ou ponto de referência, seria, portanto manter uma relação harmoniosa com os grupos sociais, nos quais a criança interage como a família, escola, outras crianças. Antes, a decisão moral da criança era inteiramente heteronômica, agora a criança tende a ser autonômica. No entanto, faz referência aos estágios pré-moral, de heteronomia (moral de obediência) a autonomia (fundada no respeito mútuo). A autonomia seria considerada o nível mais evoluído do desenvolvimento moral.

Essa fase é considerada como um período de transição ao próximo estágio, pois a cada nível de desenvolvimento cognitivo, os considerados níveis anteriores, estão sempre incorporados e integrados.

WADSWORTH (1992), Piaget considera que o processo de desenvolvimento e aprendizagem são termos interligados, mas diferentes em sua obra, é importante ressaltar, pois há confusões a esse respeito, o desenvolvimento cognitivo está ligado às estruturas (esquemas) intelectuais, já para o conceito de aprendizagem explicam em dois momentos, o primeiro ver a aprendizagem de uma maneira bem ampla, como sinônimo de desenvolvimento. O conceito do segundo se torna mais restrito, a aprendizagem ligada à aquisição de informação específica do ambiente, ou seja, é assimilada a estrutura existente.

GARAKIS (1998), de acordo com a visão interacionista do desenvolvimento, Piaget define que a inteligência não se explica como uma faculdade que alguns indivíduos possuem em quantidade maior ou em menor grau, a aprendizagem, tampouco, depende de uma maturidade atingida, espontaneamente, numa idade específica, refere-se, no entanto, as informações e experiências adquiridas no meio ambiente. Acredita que as crianças são capazes de aprender e de elaborar conhecimentos sobre o meio exterior. Aprendendo e conhecendo, elas estarão se tornando inteligentes, a estruturação da inteligência resulta de um processo e não de um dom natural.

O papel que a escola desempenha é tão importante que se insere nesse contexto, principalmente de organizar um meio escolar desafiante daquele processo, possibilitando a criança aprendizagens significativas para a evolução cognitiva, ao invés de discriminar as crianças conforme a faixa etária, classificando-as em mais ou menos inteligentes, com maior ou menor capacidade para aprender.

Em seqüência a análise conjuntiva dos autores, Vygotsky elaborou uma teoria de desenvolvimento onde a aprendizagem e vivência culturais desempenham papel fundamental.

REGO (1995), Vygotsky é mantido como um estudioso do social. Defende que não existe uma única teoria, pois ela está em permanente transformação. É interessante destacar que sua principal preocupação não era a de elaborar uma teoria do desenvolvimento infantil, mas sim poder explicar a partir da infância o comportamento humano, onde este se torna o centro do desenvolvimento cultural. Ou melhor, compreender a formação dos processos psíquicos e das etapas de sua evolução atribuindo uma enorme importância quanto à interação social na construção do desenvolvimento humano. "Desde o nascimento, o bebê está em constante interação como os adultos, que não só asseguram sua sobrevivência, mas também medeiam a sua relação com o mundo exterior". (REGO, 1995, p. 59).

REGO (1995), apesar de Vygotsky não apresentar uma vasta totalidade de seus trabalhos, por dificuldades de acesso, equivocadamente, presume-se que se

preocupou exclusivamente seu estudo ao aspecto intelectual do indivíduo, nesse caso, seria um grande equívoco e injusto conceber tais fatos em sua obra, já que buscou incessantemente o porque da psicologia da época contrapor e analisar separadamente o sentimento e a razão.

VYGOTSKY (1984), fala que o desenvolvimento infantil consiste não numa mera socialização progressiva, trazida de fora, mas em uma individualização progressiva, trazida de fora, a partir da essência social que é característica da criança, o ser humano é considerado, segundo ele, completo na interação com o meio, pelo qual a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa. Foi esta dialética entre indivíduo e a sociedade e, assim o efeito da interação social, linguagem e cultura sobre a aprendizagem que se tornou o foco do trabalho de Vygotsky. O desenvolvimento é visto como um processo socialmente construído, sendo a interação social fundamental nessa construção.

REGO (1995), para a doutrina vygotskyana, o sujeito do conhecimento, não é passivo, sendo regulado por forças que o moldem e nem ativo, regulador por forças internas, ele é acima de tudo o ser que interage com o meio social. Isto é, o sujeito participa ativamente da construção de sua própria cultura e de sua história, modificando-se e provocando transformações nos demais sujeitos que com ele interagem.

A partir das considerações REGO (1995), ressalva que o cérebro, segundo Vygotsky, é visto como órgão principal da atividade mental. Isto é, entendido como um "*sistema aberto*" de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. "(...) o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico" (OLIVEIRA, 1993, p. 24).

Segundo Rego (1995), Vygotsky declara que o aprendizado é considerado, assim um aspecto indispensável no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Chamou de funções psicológicas superiores as operações internas que se estruturam em nosso cérebro e que são próprias da espécie humana,

tais funções são caracterizadas pelo controle consciente do comportamento, pela ação intencional e pela liberdade do indivíduo em relação ao tempo e ao espaço.

O autor fornece grande importância ao aprendizado humano, segundo sua visão, essa construção é indispensável e necessária no processo das funções psicológicas superiores. O funcionamento psicológico tem em sua base nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior. Tais relações se desenvolvem num processo histórico. A relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.

Conjuntamente, a mediação é vista da relação do homem com os outros e com seu próprio mundo sócio-cultural, sendo ela indispensável na construção das funções psicológicas que as faz desenvolverem. Quanto ao termo aprendizagem refere-se a um processo global de crescimento, a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do ser humano desde seu nascimento, a criança se dimensiona na relação com os outros (relação interpessoal) e na relação consigo mesma (relação intrapessoal). O indivíduo constrói o seu conhecimento na inter-relação com o outro, essa construção processa-se na dinâmica interativa, a atividade humana só ocorre e tem sentido na concretude das relações que emergem os signos verbais e não - verbais como contingência e possibilidade de interação e mediação.

REGO (1995), explica que, para um bom desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos, com o meio social, ou seja, a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento enraizado nas relações entre a história individual e social. Ou seja, não é passivo, nem imutável e nem independente do processo histórico social do indivíduo. Nesta perspectiva, o aprendizado é considerado como indispensável e universal possibilitando e movimentando o processo de desenvolvimento. "O aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam" (VYGOTSKY, 1984, p.99).

O sujeito já concebe em si um aprendizado que se inicia muito antes dele entrar no processo de escolarização, pois desde ao nascer e durante seus primeiros anos de vida, encontra-se em interação com vários sujeitos (adultos e crianças), ressalta sua importância “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimentos vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”. (VYGOTSKY, 1987, p. 101).

REGO (1995), embora a criança mesmo antes de chegar à escola já traz consigo uma aprendizagem, o autor dá ênfase de quando ela inicia seus estudos escolares, produzirá fundamentalmente novos conceitos no seu desenvolvimento. É esse valor significativo que ele dá à aprendizagem escolar, produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança.

Segundo Rego (1995), afirma que desta forma, o sujeito do conhecimento, não é passivo, sendo regulado por forças que o moldem e nem ativo, regulado por forças internas, ele é acima de tudo o ser que interage com o meio social. O sujeito participa ativamente da construção de sua própria cultura e de sua história, modificando-se e provocando transformações nos demais sujeitos que com ele interagem.

REGO (1995), seria impossível considerar a obra de Vygotsky quanto ao desenvolvimento do indivíduo como sendo universal e linear, pois contrariaria tudo, o desenvolvimento está intrinsecamente relacionado ao contexto sócio-cultural em que o sujeito está inserido e como ele se processa diante de formas dinâmicas seguidas de rupturas e desequilíbrios provocadas por parte de cada um. Assim, o processo do psiquismo humano está sempre mediado pelo outro.

VYGOTSKI (1984), diferentemente de outros autores, Vygotsky não chegou a formular uma concepção estruturada do desenvolvimento humano, a partir da qual pudéssemos interpretar o processo de construção psicológica do nascimento até a idade adulta. O autor não oferece uma interpretação detalhada desse percurso do ser humano, ele oferece visões e reflexões acerca dos aspectos do desenvolvimento, para ele “A mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimento

intelectual, eles existem já na sua forma completa, esperando o momento adequado para emergir". (VYGOTSKY, 1984, p.26).

CÓRIA (1998), nesse sentido Vygotsky acredita que à medida que a sociedade cresce, se desenvolve, se torna mais complexa e o nível da linguagem de cada indivíduo se torna superior. Dessa forma, as experiências dos indivíduos quanto às operações e categorias de pensamento usadas pelas pessoas para descrever suas experiências diferem uma das outras, dependendo do seu nível cognitivo e cultural. Ele admite que o aspecto cognitivo é um processo contínuo, complexo de aquisições de controle ativo sobre a percepção, a memória e atenção, onde esse controle é absorvido a partir da interação com os adultos no meio sócio-cultural.

Com a interação de cada pessoa é fruto de um ambiente afetivo, principalmente entre suas características próprias e das oportunidades oferecidas pelo seu meio ambiente, o autor afirma que não poderia haver uma universalidade no desenvolvimento, embora reconheça possíveis padrões de comportamentos comuns a determinadas faixas etárias, onde o estágio do desenvolvimento representaria para cada indivíduo como um momento de processo de internalização e transformação das várias experiências oferecidas pela sociedade. Portanto, Vygotsky se opõe a Piaget, não pensando em períodos bem definidos nesse processo, como a existência de estágios. O desenvolvimento segundo, ele, está, pois, alicerçado sobre o plano das interações.

REGO (1995), ao analisar o processo da aprendizagem, seguindo a linha sócio-interacionista do desenvolvimento, Vygotsky identifica dois níveis necessários a essa compreensão, seriam eles; o nível de desenvolvimento real e potencial. O primeiro nível estaria ligado as conquistas que já estão consolidadas na criança, ou seja, as funções que ela já aprendeu e domina de maneira independente sem a intervenção de alguém no meio cultural.

Já o segundo nível também está relacionado com o que a criança é capaz de fazer, só que mediante a intervenção de uma outra pessoa. Nesse caso, ela irá conseguir mediante a diálogos, conflitos e tudo o que lhe será fornecido.

O aprendiz é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em quem em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual. (REGO, 1995, p. 74).

VYGOTSKY (1984), identifica que entre esses dois níveis existe a formação de uma *zona de desenvolvimento potencial ou proximal*, onde explica que o desenvolvimento da criança está sob forma prospectiva, ou seja, as chamadas funções que ainda estão imaturas, em fase de maturação, irão diante do processo individual da criança entrar no processo maturacional. “Aquilo que é zona de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. (VYGOTSKY, 1984, p.98).

REGO (1995), diante do conceito de zona de desenvolvimento proximal, Vygotsky abre um leque de elementos quanto à contribuição na compreensão de integrar o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento. Ambos os processo de desenvolvimento e aprendizagem não podem ser vistos como algo semelhante, são processos que se interligam desde o nascimento da criança. É através de suas interações ao mundo exterior, físico e social que iniciam uma vasta série de aprendizagens.

Ao relacionar os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento, Vygotsky afirmou que o traço marcante da aprendizagem é gerar a área de desenvolvimento potencial o que significa que a aprendizagem estimula no indivíduo o desenvolvimento de processos internos a partir das experiências aprendidas em suas relações sociais que vão sendo absorvidas e se convertem em aquisições internas.

REGO (1995), cognição e afeto na visão de Vygotsky não se encontram dissociados no indivíduo, esses processos se inter-relacionam e influenciam-se ao longo do desenvolvimento do individuo. Ele teve grande preocupação ao analisar de modo dialético em seu pensamento, os aspectos do desenvolvimento afetivo e cognitivo

do funcionamento psicológico humano. Percebe no indivíduo como um ser que raciocina, faz abstrações, pensa, mas que esse mesmo ser é alguém que expressa seus sentimentos, que se emociona, deseja e sensibiliza. Afirma que esse mesmo sujeito ativo no processo do conhecimento não é somente um ser ativo, mas interativo, porque constitui conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. Pois é através dessa interação que o sujeito vai internalizando seus conhecimentos, papéis e funções sociais.

Defende que cognição e afeto não se encontram como bases dissociadas no indivíduo, esses processos se inter-relacionam e influenciam-se ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Para ele é através dessa interação que o sujeito vai internalizando seus conhecimentos, papéis e funções sociais.

Entretanto, é possível perceber sua extrema importância em integrar os aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano em seus escritos, concebendo o ser humano como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas especificamente um ser que se emociona, sente, deseja, imagina e além de tudo um ser sensível. Percebe-se que jamais desprezou o intelecto do afeto, isso seria reduzir ao máximo sua contribuição de entender o sujeito como uma totalidade.

(...) como é possível observar, na sua perspectiva, cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo. Apesar de diferentes, formam uma unidade no processo dinâmico do desenvolvimento psíquico, portanto, é impossível compreendê-los separadamente. (REGO, 1995, p. 122).

Nesse trabalho também é evidente associar uma outra contribuição ao desenvolvimento infantil, uma abordagem psicanalítica de Sigmund Freud, onde ele se refere ao processo evolutivo global da criança, que chamou de estágios de personalidade. Para Freud o pensamento humano está sempre articulado com as dimensões consciente e inconsciente da mente.

Para melhor entendê-lo, afirma que nos estágios, em cada um existe um conflito inerente àquela fase. Quando o indivíduo não resolve determinado conflito, encontra-se fixado naquele estágio, podendo refletir o comportamento implicado até mesmo na fase adulta. De acordo com a doutrina freudiana, "o inconsciente constitui a base de toda a vida psíquica, sendo os fenômenos conscientes apenas suas manifestações". (AJURIAGUERRA, 1980, p. 33).

GOLSE (1998) Quanto à afetividade, o psicanalista Sigmund Freud afirmava que os dados fornecidos pela psicanálise têm conseqüências importantes para a compreensão das relações inter-humanas, principalmente ao mostrar que o objeto de relação é um objeto individual construído pelo mundo interno fantástico (de fantasia) variando com nossos investimentos e em função de nossa história e de nossos estados afetivos.

Nas teorias psicanalíticas, a qualidade e o caráter dos relacionamentos da criança com algumas pessoas importantes são vistos como centrais no desenvolvimento global da criança.

GARASKI (1998), Freud denominou a fase da "permanência do objeto" a fase de evolução da afetividade de "escolha do objeto" que considerou como transferência da libido (impulso sexual ligado ao prazer) a partir do eu narcísio para a figura dos pais, ele concebeu diante de sua obra que as relações com o objeto seriam resultante da constituição do eu diferenciado do alheio, e de um alheio que se torna objeto da afetividade. "Para que o outro possa tornar-se objeto da afetividade, faz-se necessária à compreensão de que ele (objeto) existe independentemente do sujeito, o que supõe a energética da afetividade estruturada, porém, pela cognição". (GARASKI, 1998, p. 98).

BARROS (1991), Sigmund Freud também contribuiu entre outras visões para o desenvolvimento humano, o comportamento do indivíduo era guiado por um impulso sexual, que denominou de libido (prazer). Acreditava que os aspectos significativos de nosso desenvolvimento pessoais e emocionais são determinados durante os primeiros sete anos de vida. Práticas inadequadas de educação das crianças resultarão em

prejuízo para o seu ajustamento quando adultos. A personalidade do adulto também é afetado pelas experiências emocionais da infância.

CÓRIA (1998), na visão psicanalista, as relações afetivas ligadas à infância, principalmente aos primeiros anos de vida, são bases essenciais para um equilíbrio posterior.

BARROS (1991), no pensamento de Freud, a segunda infância correspondente à fase de latência no desenvolvimento psicosexual, as emoções e os impulsos sexuais parecem adormecerem por influencia da escolarização, onde a criança se dedica a novas habilidades aceitas no seu meio cultural.

Nessa nova fase a criança entra num período de calma na sexualidade, os impulsos são impedidos de se manifestar, a criança passa a gastar suas energia em atividades escolares. Isto é, praticamente toda a sua energia é utilizada no sentido de adquirir as competências básicas para a vida em sociedade. É a fase dos mecanismos de defesa e a que ocorre o fortalecimento do ego com sublimação para o aspecto intelectual do desenvolvimento.

AJURIAGUERRA (1980), Freud em seus estudos também se deteve às noções de estágios psicosexuais (pré-genitais) definindo-os em cinco. Nesse estudo específico será mencionado apenas o que coincide com o período de latência. Na teoria freudiana, corresponde ao estágio latente, assim designado por que nela a libido não exerce grande influencia no comportamento observável do individuo. A idade dos seis a dez e média dos doze, denominou que nesse período a criança encontra-se numa fase chamada de latência. Afirma que esse período finaliza a elaboração da triangulação na fase fálica, ocorre um deslocamento da libido da sexualidade. É simplesmente considerado como o declínio do conflito edipiano. Ou seja, a criança chega a uma resolução preliminar do conflito edípico.

As bases dos psicanalistas, no caso a obra de Freud, seu interesse estava designado a se interessar mais pelos processos emocionais que pelos intelectuais, mais pela vida mental inconsciente que pela consciente. Afetivamente a psicanálise

mostrou que as atitudes emocionais do ser humano para com outras pessoas que são de extrema importância para seu comportamento exterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce. "Freud acreditava que a personalidade é moldada pelas experiências iniciais quando as crianças passam por uma seqüência de fases psicosexuais". (DAVIDOFF, 2001, p. 522).

Na perspectiva psicanalítica, a afetividade se desenvolve na busca pelo desejo que o indivíduo tem de conhecer a si próprio, de encontrar uma definição para sua vida. E, para Freud, a mola propulsora do desenvolvimento intelectual é a sexualidade. Querer saber, ter desejo de aprender, são condições primeiras para que a criança possa de fato adquirir conhecimentos.

Nas visões conjuntivas de *Jean Piaget Henri Wallon, Lev Semenovitch Vygotsky e Sigmund Freud*, ambos contribuíram grande importância ao aspecto da evolução psíquica da criança. Suas contribuições são ditas como complementares, mas não vista nesse estudo com opostas. Apesar de suas divergências mais ou menos acentuadas em determinadas épocas, pode-se considerar que seus trabalhos têm um aspecto complementar.

Na teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral. Piaget enfatiza o respeito unilateral da criança pelo adulto. O respeito mútuo, de fundamental importância para a criança, deve ser trabalhado em exercício de cooperação, na convivência em grupo, a partir da experiência histórica de cada uma e de seu nível de desenvolvimento. São os esquemas afetivos, construídos na inter-relação da criança com o seu meio, que irão formar o caráter da criança, e o sentimento de respeito que a criança nutre em relação a outras pessoas.

Conforme Oliveira (1992), Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim,

uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. Apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky evidencia a importância das conexões entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano, propondo uma abordagem unificadora das referidas dimensões. Enquanto para Vygotsky, a afetividade atua na construção das relações do ser humano dentro de uma perspectiva social e cultural.

Piaget quanto Vygotsky abordaram, com profundidade, o desenvolvimento intelectual, mas cada um perseguiu diferentes problemas e questões. Segundo o referencial construtivista de Piaget, o conhecimento é algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade, dar ênfase que esse sujeito é considerado um ser ativo e não passivo a construção do conhecimento, como um sujeito contextualizado, para Vygotsky, esse mesmo sujeito não é apenas ativo, mais interativo porque constitui conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais.

DANTAS (1992), por sua vez, na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

AJURIAGUERRA (1980), apesar da aproximação entre Piaget e Freud há diferenças sem dúvidas, pontos divergentes na questão da organização do pensamento, isto é, pela própria concepção distinta da afetividade e da inteligência, quanto aos trabalhos de Freud constituem uma importante elaboração a uma teoria do pensamento, apesar de que na teoria de Piaget encontra-se concretamente

esquemática. A toda ação os motivadores são estritamente de natureza afetiva (necessidade e satisfação), enquanto a estrutura é de natureza cognitiva (o esquema como organização). "Não se pode separar a afetividade da estrutura, pois ela não é apenas estrutura, mas sim, está na estrutura". (AJURIAGUERRA, 1980, p. 55).

A noção de objeto libidinal e sua construção para os psicanalistas não devem ser confundida com a noção de objeto (*esquemas*) segundo Piaget, todos têm um conceito singular do seja a afetividade e inteligência para o desenvolvimento global do ser humano.

Existem, de fato, uma incompatibilidade, para Piaget, a evolução afetiva aparece simultaneamente à evolução intelectual e quando, segundo este autor, admiti-se que, na conduta em relação aos objetos, o aspecto estrutural é constituído pelas estruturas lógicas-matemáticas e o aspecto energético pelo conjunto dos afetos intra-individuais, é evidente que nos afastamos da doutrina freudiana. (AJURIAGUERRA, 1980, p. 55).

Apesar das diferenças entre a posição teórica dos dois autores, ambos enfatizam a necessidade de compreensão da gênese dos processos cognitivos e valorizam a interação do indivíduo com o ambiente e vêem o indivíduo como sujeito que atua no processo de seu próprio desenvolvimento.

No entanto concluir-se que, para o estudo, as teorias de Wallon, Piaget, Vygotsky e Freud, contêm elementos comuns que são indispensáveis para o desenvolvimento da aprendizagem e acima de tudo valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

A afetividade se torna condição básica e incontestável na constituição da inteligência segundo os autores, seja de uma forma implícita ou explícita do desenvolvimento humano, através dela se pode explicar uma certa aceleração ou retardamento da formação das estruturas cognitivas e não uma causa na formação das estruturas cognitivas. Quando ocorre a aceleração é porque houve um interesse, uma

necessidade, quando há retardo é porque essa situação afetiva foi obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

Apesar de ambos apresentarem visões diferenciadas, ao desenvolvimento infantil, tanto no aspecto afetivo, social, cognitivo e psicológico. Ambos não vêem o aspecto afetivo dissociado do cognitivo, expressam diferenças formas de abordagens que se completam e tornam-se interdependentes para o desenvolvimento. Apesar de visões diferentes acerca do afeto e da cognição pautados em outros termos, interagem do ponto de vista comum aos processos gerais da evolução da criança. Cada uma delas contribui significativamente a contribuição valiosa dos autores.

Não vêem o processo da afetividade de um mesmo parâmetro, não se podendo falar segundo eles, somente na afetividade em si, mas de um todo em conjunto, isto é, interferindo tanto no meio sócio-cultural, afetivo, cognitivo e psicológico. Apesar de ambos salientarem em suas obras um certo direcionamento, todos vê o processo do desenvolvimento infantil como um processo construtivo, transformador, sob óticas diferentes que se completam.

Nesse contexto, ambos os processos de desenvolvimento e aprendizagem devem ser compreendidos quanto as suas diferenças nesse estudo. O desenvolvimento do conhecimento é considerado um processo espontâneo, inerente ao processo da embriogênese, a aprendizagem apresenta como caso oposto, ela é provocada por diversas situações.

Os autores (*Piaget, Wallon, Vigotsky e Freud*), quatro doutrinas que partem de um certo número de bases comuns, elas têm cada uma suas características originais, que por suas vezes, se complementam, outras vezes, com formulações distintas, ambas se aproximam, mas, muito freqüentemente se opõem.

Finalizando este capítulo, percebe-se que foi esclarecido e fundamentado diante de contribuições dadas aos diversos autores citados, que o aspecto afetivo desempenhe um papel essencial e de extrema importância no funcionamento da inteligência. Nessa concepção, sem afeto não existiria a menor chance de haver

interesse e muito menos a necessidade e motivação para a existência da inteligência do indivíduo. A partir desse estudo reúne-se conjuntamente a análise singular dos diversos autores.

A intenção maior com esse capítulo não é encerrar o estudo do desenvolvimento infantil com os autores, e muito menos trazer um quadro definitivo de cada contribuinte abordado, mas sim aclarar de forma mais concreta a importância do estudo e aprofundamento contínuo do desenvolvimento de rumos a novas descobertas.

## 2 A FAMÍLIA E O DIVORCIO

O conceito de família tem passado por mudanças profundas diante do número crescente de separações, divórcios e novas uniões, da multiplicidade dos lares monoparentais e do alto índice de famílias chefiadas por mulheres, especialmente nas camadas mais carentes. Atualmente é comum existirem organizações familiares com lares estruturados e desestruturados, o que não impede que as organizações familiares não convencionais podem funcionar harmonicamente, atendendo bem aos seus membros, enquanto o modelo ideal dos pais casados criando seus filhos pode ser uma família desarmônica, com graves conflitos e relacionamentos violentos.

Os altos índices estatísticos de separações pelo divórcio mencionados em anexo pelo IBGE, mostra dados preocupantes principalmente quanto aos filhos, o que pode implicar sérios problemas ao contexto familiar em si, como principalmente acarreta na criança um sentimento prejudicial de constante dúvidas, medo e incertezas, refletindo nela a demonstração de um desentendimento irremediável e negativo quando ao aspecto afetivo.

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. Nos estudos e pesquisas têm-se demonstrado que as crianças com problemas escolares são frutos de famílias que, independentemente do nível socioeconômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. O papel dos vínculos familiares no processo de construção da personalidade tem sido tema de interesse de vários segmentos da sociedade atual e objeto de estudo de vários profissionais que lidam com a educação.

PICHON (1989), a construção de uma abordagem operativa para o grupo familiar também foi contemplada nos estudos de Pichon-Rivière. Para ele, a família constitui uma estrutura social básica, formada pela inter-relação dos papéis diferenciados.

FREUD (1920), mostrou entre outras contribuições, que a vida emocional do ser humano tem suas raízes na infância e os pais exercem no mundo emocional de seus filhos influências tanto benéficas quanto maléficas.

WINNICOTT (1993), questiona se seria possível para o indivíduo atingir a maturidade fora do contexto familiar. Conclui em termos gerais que, o alcance da autonomia pressupõe uma relação familiar que ofereça o suporte afetivo necessário para o desenvolvimento de funções constitutivas que incluem a aprendizagem escolar.

MALDONADO (1995), o indivíduo, o casal, e a família podem sair fortalecidos e enriquecidos das crises e transições, mas, por outro lado, há passagens que resultam em rompimentos dos vínculos, como no caso do término do casamento. O crescente número de divórcios e de novas uniões resultou na formação de novas organizações familiares e diferentes maneiras de viver um relacionamento amoroso estável, que nem sempre envolve a ida ao registro civil e nem sequer a coabitação.

Cada organização familiar tem características e desafios especiais, para alcançar o objetivo de formar um lar satisfatório. Quando os pais se separam e passam da organização familiar de pais casados para constituir dois lares uniparentais, o principal desafio é manter a sociedade parental e desfazer a sociedade conjugal, procurando uma convivência compartilhada entre mãe, pai e filhos. A separação não é necessariamente traumática para os filhos, mas é preciso evitar cair nas áreas de risco, que acontece quando o ódio e o desejo de vingança com relação ao ex-cônjuge fazem com que os filhos sejam colocados no meio da linha de fogo, intensificando os conflitos.

Uma das mais comuns experiências ambientais, hoje em dia, capazes de determinar alterações emocionais nos alunos é a separação conjugal dos pais, durante os momentos difíceis da separação conjugal, tanto os pais quanto, de um modo geral, esperam que os professores assumam uma atitude mais incisiva e uma maneira mais compreensiva e afetuosa ao lidar com o aluno emocionalmente abalado.

Mesmo quando os pais finalmente se separam, as crianças geralmente precisam de algum tempo para se adaptar à nova situação. Tudo leva a crer ser

preferível que os pais que estão se separando deixem claro o rompimento, apesar desta atitude poder ser muito angustiante para os filhos, procurando oferecer explicações compatíveis com o grau de entendimento das crianças. As pesquisas sugerem que quanto menores forem os filhos, menos desejam a separação dos pais, ainda que o relacionamento entre eles seja bastante problemático. A maioria dos filhos pequenos prefere que os pais permaneçam juntos e, mesmo após o divórcio ou o novo casamento, ainda fantasiam a possibilidade de uma reconciliação. Elas passam por um processo semelhante ao da perda e do luto.

As crianças em idade escolar são perfeitamente capazes de observar e vivenciar qualquer clima de hostilidade e animosidade entre seus pais. Ainda que na fase pré-separação a tática de beligerância dos pais seja do tipo "agressão pelo silêncio", dependendo da idade da criança haverá percepção sobre o tipo de clima que existe entre o casal e que o casamento está atravessando sérias dificuldades.

Durante a separação e depois dela, as críticas que os pais fazem um ao outro podem levar a criança a sentir que parte da sua própria identidade também é ruim e sem valor. Frequentemente, há uma dramática perda de auto-estima durante a separação e o divórcio e isso pode levar ao isolamento social, revolta, agressividade, desatenção, enfim, alterações comportamentais próprias de um estado depressivo (típico ou atípico). Essas alterações no comportamento do aluno podem ser considerados um aviso sobre a necessidade de ajuda e apoio.

O que pode melhorar a afetividade das crianças na separação conjugal dos pais são informações claras e honestas sobre o futuro. Mas nem sempre os próprios pais sabem muito a esse respeito, tornando a iniciativa dos professores nesse sentido muito mais difícil.

Algumas crianças consideram a escola como um refúgio dos problemas familiares, pois, tanto o ambiente escolar quanto os professores, continuam constantes em sua vida durante esse período de grande reviravolta existencial. Mesmo assim, nem sempre esses alunos aceitarão conversar a respeito das dificuldades que enfrentam em casa (neste caso, a separação). Novamente, serão as alterações em

seu desempenho e comportamento que denunciarão a existência de problemas emocionais.

A sensação de solidão, tristeza e a dificuldade de concentração na escola, tudo isso contribui para uma depressão infantil ou da adolescência, complicando muito o inter-relacionamento pessoal e o rendimento escolar. Pode haver dificuldade de concentração, motivação insuficiente para completar tarefas, comportamento agressivos com os colegas e faltas em excesso. Não se afasta, nesses casos, a necessidade dos professores orientarem algum ou ambos os pais para a procura de ajuda especializada para o aluno. A decisão de separar-se é muito difícil para qualquer casal, especialmente para aqueles que têm filhos. O medo de gerar algum transtorno na vida dessas crianças, a insegurança de como e quando lhes revelar a verdade são alguns dos conflitos que tomam conta dos pais num momento como este. Entretanto, a criança tem total direito de estar ciente do que está acontecendo na relação de seus pais, uma vez que elas fazem parte deste contexto e que serão diretamente atingidas com qualquer decisão que venha a ser tomada.

Isto não quer dizer que a criança deve estar participando ativamente do processo de separação, nem do momento difícil que o precedeu. Em geral, as crianças tendem a ser subestimadas, devido ao fato de os adultos julgarem que elas não entendem determinadas situações. Ocorre, entretanto, que a criança presenciando as agressões trocadas pelos seus pais e sem ter o devido esclarecimento, absorvem todo esse conflito, o que pode acabar por acarretar em sérios desvios de comportamento, já que a separação dos pais pode ser um agente estressor importante. Partindo-se deste difícil momento na vida destas crianças, que nem sempre recebem o devido acompanhamento e orientação para atravessar essa fase sem maiores prejuízos com vistas ao elevado índice de separação na nossa sociedade moderna, fazendo deste um fenômeno cada vez mais presente na atualidade.

MALDONADO (1995), cada vez mais, predominam características e desafios próprios de cada tipo de organização familiar, seja com pais casados, solteiros, separados, viúvos, recasados, tentam, com isso, acabar de vez, com o preconceito de

que lares estruturados, como sendo aqueles em que os pais estão casados, caso contrário passam a ser famílias desestruturadas. Os lares estruturados e desestruturados existem em qualquer tipo de organização familiar. É possível formar dois lares uniparentais harmônicos e ter um lar altamente desestruturado com pais casados que se agriem e se desrespeitam no dia-a-dia.

MALDONADO (1995), a separação dos pais não é necessariamente traumática para os filhos, mas há desafios específicos a serem enfrentados e áreas de risco a serem evitadas, que precisam ser compreendidos pelos pais, pois, na crise da separação, o amor freqüentemente transforma-se em raiva, mágoa e até mesmo em ódio e desejos de vingança. Neste cenário emocionalmente turbulento, as brigas com relação à divisão dos bens e ao contato com os filhos podem assumir proporções gigantescas. Sentimentos de abandono e rejeição se misturam com a sensação de estar sendo lesado, explorado, passado para trás.

Um dos pontos dos conflitos, logo após a separação a guerra de poder comumente utiliza dois triunfos principais, o dinheiro e o contato com os filhos, se atrasar à pensão, não pode ver os filhos. É difícil no meio de tanta raiva, pensar em estruturar novos modos de convívio dentro da perspectiva de defender o direito dos filhos de terem livre acesso tanto ao pai quanto à mãe. Quando os filhos sentem, por palavras e, sobretudo, pelas ações dos pais, que continuarão a ser amados, cuidados e protegidos por ambos, o impacto da separação pode ser aliviado.

Mesmo num casamento ruim, ainda há ou houve bons períodos e momentos, assim como num bom casamento há momentos ou períodos de crise, mal-estar, insatisfação. Por isto, quando a separação acontece, deixa um sentimento de tristeza e dor, mesmo quando o convívio está insuportável. São sonhos desfeitos, projetos interrompidos. Grande parte dessa tristeza é difícil de ser abertamente admitida e é expressa por raiva, ataques ou atitudes de abandono. De fato, o distanciamento, o descaso e até mesmo o rompimento do contato doem profundamente e constituem uma área de risco para os filhos, na medida em que reflete a falta de sintonia com os desejos e as necessidades dos mesmos. Confundindo as duas áreas do conhecimento, muitos adultos, desejando se vingar ou punir o ex-cônjuge acabam negligenciando o

atendimento dos filhos. Acusações recíprocas vindas de mágoas, decepções e frustrações contribuem para a escalada dos conflitos que, tantas vezes, resulta em cortes de contato e busca de alianças entre os filhos, especialmente quando há novos relacionamentos amorosos que se iniciam antes ou imediatamente após a separação.

O cenário torna-se ainda mais complexo quando um ou ambos os pais se casam de novo. No entanto, em meio a tanta complexidade na formação de novos vínculos familiares que ainda nem foram nomeados, existe a possibilidade de construir vínculos afetivos bastante profundos, que nada tem a ver com laços de sangue e que, em alguns casos, ficam até mais significativos do que os vínculos originais. Muitos casais de recassamento acabam, gerando filhos nessas novas uniões, a família passa, então, por uma outra transição: os meus, os teus e o nosso.

Casamento, separação, amores feitos, desfeitos, refeitos. No momento da vida, entre dores e alegrias, frustrações e esperanças, encantos e desencantos, a oportunidade de aprender a buscar caminhos melhores para todos, nesses diversos modos de ser casal e família.

GIUSTI (1987), é inegável que o processo de separação é bastante complicado e doloroso, tanto para o casal que toma tal decisão quanto para seus filhos, porém, antes de pensar que a separação poderá vir a causar algum tipo de "trauma" ou dificuldade nas crianças, o casal precisa tomar consciência de em que ponto de agressividade, desrespeito e desarmonia estão a relação conjugal e perceber que este ambiente hostil pode prejudicar muito mais as crianças do que a separação propriamente dita.

GIUSTI (1987), muitos casais partem da premissa de que precisam continuar juntos pelo bem dos filhos, o que acaba por acarretar em uma insatisfação pessoal, transferindo a culpa do problema para quem não a tem: os *filhos*. Estes, por sua vez, ao perceberem que podem estar sendo um empecilho para a felicidade dos pais, poderão passar a ficar carentes de serenidade e segurança, tornando-se pessoas submissas e dependentes ou pessoas autoritárias e auto-suficientes.

Uma questão bastante delicada neste tipo de situação é como e quando contar para os filhos a decisão da separação. As crianças não devem estar envolvidas no clima de tensão e briga que os pais criam entre si. Ao contrário, faz-se necessário à criação de uma atmosfera adequada que possibilite uma boa comunicação entre pais e filhos, para que seja evitada uma situação que conduza a criança a um stress.

Segundo Maldonado (1995), muitos casais, ao tomarem a decisão de se separar, acabam hesitando por medo das possíveis conseqüências desta decisão sobre seus filhos. Para tanto, acabam mantendo uma relação infeliz ou, quando se separam, costumam inventar desculpas sobre a situação para as crianças. Ambas as situações são bastante prejudiciais.

O clima de hostilidade que se instaura no casal desde o colapso de seu casamento até o divórcio propriamente dito gera muita angústia nas crianças. Quando as discussões e ameaças passam pela questão da custódia é ainda maior o stress gerado nas crianças, fazendo com que estas fiquem demasiadamente preocupadas com as brigas dos pais, ansiosas com relação ao que será decidido sobre seu futuro e com relação à maneira como deverá se relacionar com ambos os pais de maneira justa em meio à raiva que assola o relacionamento de seus genitores.

WALLERSTEIN & KELLY (1998), o divórcio dos pais é uma das fontes que podem propiciar o desenvolvimento do stress nas crianças. Contudo, é a forma como os adultos conduzem a situação de stress no caso, o divórcio que contribuirá para o surgimento do stress na criança. Quase sempre os pais não ensinam as crianças a lidarem com situações stressantes, posto que, normalmente, estão demasiado ansiosos e angustiados com a situação. Sem um modelo adequado que as ensine a melhor maneira de agir perante os problemas da vida, as crianças, de um modo geral, tornam-se adultos fragilizados, vulneráveis ao stress e propensos ao surgimento de várias enfermidades dele decorrentes.

Entretanto, a criança não deve ser poupada de tudo para que nunca vivencie uma situação de stress. É necessário que a criança experimente momentos de stress – desde que proporcionais à sua faixa etária e maturidade – para que possa adquirir

estratégias de enfrentamento de modo gradual e lógico, vindo a se preparar para as situações de stress inevitáveis com as quais irá se deparar no decorrer de sua vida. (Idem, 1998).

GIUSTI (1987) é completamente normal o medo que toma conta do casal de ferir seus filhos com a decisão de separar-se. Entretanto, este sofrimento imediato que a criança sente com a notícia é menos traumático do que a angústia de estar percebendo que existe algo de errado na relação de seus pais e não estar ciente do que está efetivamente acontecendo. O mais importante com relação a isso tudo é que seja mantida a confiança na relação entre pais e filhos, mantendo-a o mais clara, verdadeira e respeitosa possível. Se a criança sentir solidez na sua relação com seus pais, poderá receber informações desagradáveis sem que a posição de seus pais como ponto de referência em sua vida seja abalada, visto que a criança é menos frágil que o adulto para conhecer a verdade. Em compensação, situações conflitantes e incompreensíveis podem causar grandes problemas a esta criança.

WALLERSTEIN & KELLY (1998), a separação física dos pais é um dos fatores que mais perturbam as crianças, visto que isto conduz a criança a reformular a visão que tinha dos pais como uma unicidade. Percebendo que existe algo se desfazendo dentro de sua própria família, a criança fica bastante preocupada com o que vai lhe acontecer, visto que a família é percebida por ela como sua fonte de apoio e proteção e o divórcio é visto como ameaça a esta estrutura.

MALDONADO (1995), as crianças são muito sensíveis e percebem desde muito cedo quando as coisas não vão bem no casamento de seus pais. Manter o casamento a qualquer custo pelo bem dos filhos pode gerar um enorme sentimento de culpa nas crianças, que julgam serem responsáveis pela infelicidade dos pais. Por outro lado, inventar desculpas e não expor claramente a real situação para os filhos também gera conflitos. A criança fica bastante conturbada ao lidar com ambigüidade e mentira, devendo os pais conversar abertamente, de maneira simples e sucinta, acerca dos fatos. Isto fará com que a criança, conhecendo a situação, se ajuste mais facilmente a ela, enfrentando melhor mudanças e dificuldades. O mais importante nesse tipo de situação é que a criança possa sentir a continuidade de vínculos afetivos, que os pais

possam escutá-la e proporcionar-lhe proteção, para que ela possa sentir estabilidade e segurança num momento tão conturbado de sua vida. A autora afirma que:

(...) na comunicação "oficial" sobre a separação, os pontos fundamentais são: dizer claramente o que está acontecendo ("papai e mamãe vão se separar"), possibilitar a expressão dos sentimentos da criança e dar a ela a perspectiva mais concreta possível de como vai ser a vida dela depois da separação. A criança se ajusta mais facilmente à situação nova quando tem marcos concretos como pontos de referência. (MALDONADO, 1995, p. 191).

MALDONADO (1995), no caso de crianças com idade abaixo de um ano, não há uma comunicação oficial da decisão da separação. Quando a criança começar a ter acesso à verbalização é que isto lhe vai ser explicado. A criança cresce sem a noção de pai e mãe morando juntos, a qual poderá vir a ser adquirida posteriormente, podendo a criança, através de conversas com os pais e tendo acesso a fotografias de quando estes estavam juntos, tomar ciência de que houve um tempo em que os pais viveram juntos. Mesmo quando os pais se separam na época em que a criança era um bebê, esta, ao tomar consciência da separação, passará por momentos de tristeza por não poder ter os pais juntos.

O essencial é que os filhos sejam avisados do que está se preparando no início do processo e do que ficará decidido ao final do processo, mesmo quando se trata de crianças que ainda não andam. A criança deve ouvir palavras claras acerca da decisão tomada por seus pais. (DOLTO, 1988, p. 25).

Segundo Giusti (1987), não contar a real situação à criança pode levá-la a sérios distúrbios de vários tipos. A criança passará a buscar a compreensão desta situação sozinha, o que a conduzirá a um desgaste desnecessário. Poderá escutar conversas e descobrir por terceiros a verdadeira situação em que se encontra, o que poderá acarretar nesta criança sentimentos de traição e desconfiança devido os pais não terem dividido com ela uma situação tão delicada que a envolve diretamente. Todavia, simplesmente contar a verdade às crianças não é o suficiente. É necessário

estar atento às suas reações, dando-lhes as condições necessárias para tirarem todas as dúvidas que puderem vir a ter, bem como expressarem seus sentimentos e emoções da melhor forma possível.

WALLERSTEIN & KELLY (1998), o que torna a situação ainda mais difícil e dolorosa para a criança é o fato de, muitas vezes, ela ter que atravessar este momento tão delicado de sua vida praticamente sozinha, devido os pais estarem muito preocupados com seus próprios problemas e com as drásticas mudanças que o divórcio ocasiona. O fato dos pais, muito deprimidos, demonstrarem este tipo de sentimento aos filhos, acarreta nestes uma incessante busca de efetuar a reconciliação de seus pais, com vistas a aliviar a angústia do genitor que demonstra seus sofrimentos.

MALDONADO (1995), uma questão muito importante no processo de separação são as datas comemorativas, como Natal, Ano Novo e aniversário da criança. Em geral, estas datas podem reavivar sentimentos de perda e saudade pelo convívio perdido em meio à "família feliz". É necessário que os pais cheguem a um consenso, como passar o Natal com o pai e o Ano Novo com a mãe, para que as crianças possam sentir o amor e a proteção dos dois. É necessário ter cuidado com a responsabilidade, a culpa e o poder que os pais acabam por atribuir às crianças. Estas, muitas vezes, querem obter o controle da situação, através de ameaças, ordens e manobras de poder.

Neste caso, os pais devem esclarecer, com muito amor e cuidado, porém, com firmeza, que entendem a sua situação, mas que isso cabe a eles decidir e não à criança. Isto fará com que a criança seja posicionada em seu devido lugar e até se sinta aliviada de tanto poder e responsabilidade. Perceber que não tem o poder que julgava ter é bastante doloroso para a criança, porém extremamente necessário para seu crescimento e seu posicionamento realista no mundo. (Idem, 1995).

DOLTO (1988), da mesma forma, quando os pais encontram outros parceiros, não devem se render às birras e chantagens das crianças, muitas vezes ocasionadas por ciúme. Deve lhes ser esclarecido que, por mais que isto vá de encontro à vontade deles, o "papai" ou a "mamãe" ama aquela pessoa e passará a viver

com ela dali em diante. Esconder da criança que tem um novo parceiro também não é o indicado. Algumas divergências na relação da criança com o novo parceiro pode vir justamente da dificuldade do outro genitor de aceitar a nova relação de seu ex-cônjuge. É preciso se ter claro que o maior prejudicado com isso tudo será sempre a criança. No caso de um novo casamento, contribui muito quando os pais dão crédito aos seus novos parceiros, permitindo que estes estejam presentes de forma efetiva na sua relação com seus filhos e deixando claro para as crianças a forma como tudo se encaminhará dali por diante.

MALDONADO (1995), afirma que, perante os novos parceiros do pai ou da mãe a criança vê-se envolta em sentimentos tais como o ciúme, sente-se ameaçado, com medo de que os pais estejam menos disponíveis para ela. Some-se a esta o temor e a diminuição da esperança de que os pais voltem a ficar juntos novamente. Existe, também, o medo de ligarse aos novos parceiros dos pais, começar a gostar desta pessoa e a relação acabar por se desfazer novamente. Outra questão é o fato de que, ao ligar-se aos novos parceiros dos pais, estarão traíndo o outro genitor (trair o pai se gostar do marido da mãe e vice-versa).

Em todo caso, antes de casar de novo é sempre necessário sondar com cautela o terreno e comunicar gradualmente a notícia, já que, para as crianças, surpresas desse gênero nunca são bem recebidas. O melhor é ajudar os filhos a expressar suas fantasias e expectativas, suas ansiedades e temores. Ademais, o pai ou a mãe deverá demonstrar que, mesmo casando de novo, não diminuirá o afeto a eles dispensado. Para isso não bastam as declarações verbais. No intervalo de tempo que será necessário para que os filhos possam adaptar-se à nova situação, não faltarão oportunidades para comprovar a própria credibilidade. Principalmente nos primeiros tempos, o novo casal deverá levar em conta esse problema delicado e importante para a serenidade da futura vida a dois. (GIUSTI, 1987, p. 178)

A questão da visitação do genitor que não possui a guarda da criança é bastante delicada. Em geral, as crianças ficam sob a guarda da mãe, apesar de alguns pais, atualmente, buscarem reverter esta situação na justiça, solicitando ao menos a

custódia conjunta, onde a criança passa alguns dias da semana com o pai e outros com a mãe, ou semanas ou meses com ambos os pais. O genitor que sai de casa passa a desempenhar um novo papel, onde não mais existe os costumes diários que antes compunham a estrutura da relação, onde, segundo as autoras “nem a criança nem o pai compartilham inteiramente a vida um do outro, nem estão totalmente ausentes”. (WALLERSTEIN & KELLY, 1998, p.143).

GIUSTI (1987), o genitor que não fica com a guarda do filho em geral o pai, precisa organizar-se e dedicar muita atenção aos momentos reservados para estar com a criança, o que facilita o restabelecimento do contato naquele momento após um período de afastamento. O momento da visita é bastante delicado, visto que, durante este momento, o pai busca suprir a sua ausência durante o tempo em que esteve com o outro responsável. Procura fazer programas divertidos com as crianças, para que o encontro seja vivido como um momento pleno, muito agradável, não percebendo que por trás disto esconde o temor de perdê-los e de que os filhos não gostem de estar com ele.

Entretanto, é preciso que este pai não perca de vista a sua função de educador, tentando apenas agradar os filhos, cedendo às suas vontades, o que poderá acarretar em prejuízos a estas crianças, pois é como se elas não tivessem um dos pais. É preciso que os pais cheguem a uma conclusão acerca da criação dos filhos, havendo consenso nas regras e limites estabelecidos, para que a criança tenha a noção de limite estabelecido e tenha a participação de ambos os pais na sua educação.

WALLERSTEIN & KELLY (1998), também se referem ao tempo como uma questão bastante relevante na relação do genitor que visita a criança. Esta relação agora passa a ser regulada por um espaço de tempo, por um limite. O pai e a criança precisam se organizar e assegurar um tempo para os seus encontros, bem como delimitar e estar cientes de que em determinado tempo precisarão separar-se novamente. Isto pode ser uma fonte de grande ansiedade na criança ao esperar o momento da visita e na hora em que este momento finda.

Ainda segundo as autoras, os genitores especialmente os que visitam precisam ter cuidado com seu medo de ser rejeitados pelos filhos em função do divórcio e, desta forma, embalados por grande sentimento de insegurança com relação aos filhos, passarem a querer compensar-lhes com presentes. Isto pode fazer com que os pais lidem melhor com a culpa pelo divórcio. A criança, porém, poderá passar a utilizar-se disto, exigindo presentes e não tendo limites para tal.

GIUSTI (1987), a reação de cada criança perante o processo de separação dos pais é muito relativa. Vai depender de vários fatores, tais como a idade da criança, seu temperamento, mas o que é decisivo é a postura dos pais com relação a essa situação. No geral, as crianças experimentam um forte sentimento de ansiedade neste momento, devido à certeza de que sua vida não será mais como antes e que agora terá que enfrentar o desconhecido.

Uma questão que pode comprometer a capacidade da criança para lidar com o momento da separação são as circunstâncias em que esta ocorre e a maneira como ela se dá. O divórcio pode ser encarado pela criança de forma menos traumática quando é realizado intencional e racionalmente, fazendo com que, de fato, ocorram melhorias nas vidas de ambos os pais. Desse modo, as autoras afirmam que “embora o período de transição possa ser difícil, o senso global da criança de ordem não é solapado”. (WALLERSTEIN & KELLY, 1998, p. 29).

Em contrapartida, quando o divórcio ocorre de maneira brusca e impulsiva, permeado por sentimentos de raiva e agressão, a criança fica bastante conturbada, sem encontrar uma trajetória racional para a decisão de seus pais, tendo sua capacidade de manejo diretamente afetada. Percebe-se, portanto, que a maneira como o processo de separação é conduzido pode trazer sérias conseqüências para a forma como a criança poderá vir a lidar com esta experiência bem como para a sua formulação de visão de mundo. (Idem, 1998).

AJURIAGUERRA (1980), ao falar na expressão “contexto familiar” automaticamente se refere implicitamente à família ocidental ou a chamada família nuclear, onde estão formados: pai, mãe e filhos. Neste início do século XXI, com todo o

progresso científico e a vivência em um mundo universalizado, a família sofreu várias transformações que, sem dúvida, trouxeram vantagens e desvantagens. A família contemporânea tem criado formas particulares de organização, não mais se limitando à família nuclear (pai, mãe e filhos dos mesmos pais), mas a uma forma distinta e decorrente dos tempos modernos, onde os casais se unem e se desunem por diversas vezes e passam a conviver ou não, com filhos, frutos de antigas relações conjugais e filhos que nascem de suas novas uniões.

AJURIAGUERRA (1980), segundo o autor o divórcio na família é visto como um fenômeno psicossocial importante. Assinala que o divórcio familiar é um problema do próprio casamento, e poderia ser visto como um problema pessoal entre os adultos para resolução de seus conflitos, muitas vezes decorrentes de desentendimentos e da própria desadaptação familiar, mas na verdade ele é fruto de uma legalização de um fracasso, de situações conturbadas no lar, provocando assim um *divórcio emocional*.

O divórcio emocional gera tensões quase insuportáveis, e geralmente o divórcio legal chega como um temporal bem-vindo; o choque pode trazer uma sacudidela momentânea, mas, passada a tempestade, a atmosfera clareia. Os parceiros adultos libertam-se de um empreendimento infeliz, e o divórcio pode trazer às crianças um remanejamento salutar de suas vidas. (AJURIAGUERRA, 1980, p. 783).

BEE (1996), qualquer mudança que venha ocorrer dentro do contexto familiar é acompanhada por deslocamento e estresse, no caso da separação dos pais pelo divórcio, o deslocamento é muito difícil e severo, principalmente para a criança que nele está inserido. No decorrer da situação é notável que se torne mais desafiadora, mais negativas, mais agressivas, deprimidas, ansiosas, perturbadas enfim, se estão em idade escolar, conseqüentemente seu desempenho irá cair, piorar.

Tais sintomas aparecem não devido ao casamento desfeito e ao fato da criança conviver com pais separados, mas sim pela falta que faz o progenitor que não detém a guarda seja pai ou mãe. É importante a conscientização dos pais quanto à guarda da criança, o tipo mais comum é a guarda da mãe que muitas vezes priva a

criança do contato mais direto com o pai, que pode gerar na criança o medo de abandono, trazendo à criança conseqüências psíquicas desastrosas. Mesmo que os pais estejam separados fisicamente, é importante e necessário na vida emocional da criança a presença constante de ambos os pais, garantindo uma boa estruturação psíquica.

Numa separação, é inevitável o desgaste e ansiedades pertinentes aquele momento. No entanto, querer deixar as crianças de fora, é tira-las do contato com a realidade, e deixar que as suas fantasias se multipliquem, trazendo muitas vezes danos maiores que a realidade posta. A criança só tem a crescer e amadurecer, ao passar pelas angústias próprias do momento, tendo seus pais ao seu lado para ajudar a passar por essa fase. Mas é possível contornar a situação, se os pais, mesmo separados, conseguirem manter um bom relacionamento fora do lar, onde os filhos sejam incluídos em atividades feitas por todos.

A decisão da custódia dos filhos é muito pessoal e varia conforme cada situação familiar. No entanto, os pais devem colocar de lado suas diferenças e interesses e pensar no bem-estar das crianças. Para os mais crescidos é preciso falar-lhes com sinceridade. Algumas crianças se sentem responsáveis pela separação de seus pais, e isso pode afeta-los emocionalmente. "A separação é um processo longo e difícil que demanda tempo para ser elaborado e para que se reorganize a vida de todas as pessoas envolvidas". (MALDONADO, 1995, p.180).

O conflito suscitado por uma separação, nos pais e filhos, é algo que precisa ser enfrentado por todos, e necessita-se um tempo para a sua elaboração. No entanto, tanto quanto os pais, as crianças precisam ter contato com ele, vivenciando assim a realidade que ele impõe, visto que os conflitos são inerentes ao ser humano. A criança filha de pais separados vai se adaptar a nova vida, criar o vínculo com duas casas, permitir à criança o convívio com pai e mãe, vai deixa-la segura, e o medo do abandono não terá espaço, resultando em crianças que se adaptarão bem a situações novas, que poderão lidar com frustrações e limites.

Torna-se imprescindível que ela se adapte com o fato de ter duas casas, pois esta é a realidade posta, seus pais têm cada um a sua casa, e continuam sendo seus pais. A criança amada, que confia nos pais, consegue administrar bem sua nova rotina, e tem condições internas suficientes para esta adaptação, pois seu ego já está devidamente estruturado. Privar os pais ou um deles de estarem presentes no dia a dia da vida dos filhos é traçar para estes o pior dos prognósticos.

Sabe-se que a criança se torna um ponto delicado nesse processo, se ela *adoece* seus pais irão também adoecer. Adoecer no sentido de torna-los perturbados diante da situação, é inegável que manifestem sinais de grandes mudanças de humor, problemas no trabalho ou até de saúde.

Outro ponto em destaque segundo a autora refere-se como irá ser definido o estilo dos pais diante de tudo isso, o pai muitas vezes deixa de controlar o comportamento dos filhos, estabelecer regras e limites claros como era antes, tudo isso continua a persistir mesmo que a mãe volte a se casar. A responsabilidade além da mãe e do pai é claro, muitas vezes fica dividida com os avôs maternos, ou seja, logo após a separação, há mães que voltam a casa de suas mães para uma ligeira passagem, tendo que dividir a educação dos netos.

Existem mudanças severas para a estrutura familiar quando um casal toma a decisão de se separar, no caso, a perda de um membro, um aumento no conflito entre os pais, dificuldades econômicas e conseqüentemente outras mudanças de vida estressantes. Apesar de índices estatísticos afirmarem que o conflito entre os pais ser o maior agente causal. Isso prejudica essencialmente um ser inofensivo, a *criança*.

O divórcio, lamentavelmente, se tornou uma situação demasiadamente comum, que é, todavia, mais complicada quando os pais têm filhos pequenos. Mesmo que a separação transcorra em termos razoáveis e até amigável, é motivo de estresse tanto para os adultos como para as crianças. O divórcio pode ser considerado como um processo conflituoso e não um simples acontecimento no que tange o ambiente familiar, apesar de gerar um luto brusco de dor e culpa, é o grande responsável por modificar as estruturas familiares. Infelizmente o divórcio implica sérios problemas reais tanto para a

estrutura familiar em si, como principalmente acarreta na criança um sentimento prejudicial de instabilidade, refletindo nela a demonstração de um desentendimento irremediável e negativo quando ao aspecto afetivo.

AJURIAGUERRA (1998), em poucos anos percebe-se que o divórcio tornou-se um fator social, isso pelos altos índices estatísticos presentes hoje. As dificuldades psicológicas que lidam as crianças de pais divorciados são variáveis e se tornam nefastas quando os filhos tornam-se o alvo de uma má relação com os pais, ou seja, queiram inserir a criança no seio deste desentendimento que influenciará as eventuais evoluções patológicas bem mais do que o divórcio em si.

O principal fator de distúrbio a longo prazo não é a separação em si, mas muito antes a discórdia familiar, tão freqüentemente associada à separação'. Quando a criança se encontra mergulhada no seio de um conflito familiar, é fator de bom prognóstico a manutenção de uma boa relação com um dos pais. Aqueles que tiveram um boa relação estavam em parte protegidos contra os efeitos nocivos da discórdia familiar". (AJURIAGUERRA, 1998, p.358).

Em raros os casos a criança é afastada dos efeitos do desentendimento familiar, mesmo passivamente, infelizmente em muitos casos ela participa ativamente no processo como sendo "*um elemento*" de discursões nas relações parentais. Como fala a autora Maldonado (1995), a criança é muito sensível ao perceber o que está acontecendo, mesmos sendo bem pequena, e passa ligeiramente a presenciar os pais falando mais alto e na tentativa de apaziguar as brigas, aparecem as doenças por somatização para atrair os pais. Em muitos casos, elas ficam com medo, angustiadas e muito inseguras quanto aos pais, ficam isoladas na casa, pouco falam, seja na escola ou em casa, outras tentam chamar a tenção e chegam a adoecer. O que muitas vezes passa despercebido pelos pais, por estarem envolvidos demais com a situação.

AJURIAGUERRA (1980), os conflitos em lares geram grandes perturbações na criança, os desentendimentos dos pais podem, às vezes ferir definitivamente a criança, a hostilidade dos pais, a maneira alterada de falar, brigas corporais, enfim, muitas vezes a criança presencia e se torna alvos desses episódios nocivos, o que nela

provoca um sentimento de muita insegurança. Geralmente, o clima negativo de desprezo e raiva por um dos pais, quando não pelos dois.

MALDONADO (1995), o papel dos familiares é de extrema significação a essas crianças, quando se dispõem a conversar, distrair e podendo aliviar ou amenizar temporariamente o sofrimento delas que rodeia na casa. É importante ouvir o à criança tem para dizer, mesmo que essa realidade não possa ser modificada.

Um momento bastante delicado e conflituoso e que ameaça trazer inúmeras conseqüências quanto às profundas alterações de papéis que iram exercer, é comum a criança pequena conservar ambos os pais, não ter que “*dividi-los*” por um certo espaço, nas condições atuais, a mãe obtém a guarda e a responsabilidade legal de criar os filhos, enquanto o pai a distancia tenta controlar indiretamente na educação dos filhos, mas às vezes gera uma situação desafiadora.

O conflito que causa a separação dos pais têm efeitos perturbadores nas crianças, comprometendo seu desenvolvimento psicoafetivo, a reação inicial que os filhos têm diante de um desentendimento familiar que gera uma separação de imediato, cria na criança uma situação de ansiedade e até angústias. Essa reação afetiva na maioria não poupa praticamente nenhuma criança de passarem por estes danos afetivos, principalmente quando ela sente a ruptura do contexto de vida que levava com a família, o afastamento do pai ou da mãe, as incertezas que virão e ela ficará diante da situação.

MALDONADO (1995) a criança sente muito as mudanças na separação dos pais, no entanto, a fase de adaptação a essa nova vida pode ser mais fácil quando há uma viabilidade de conservar o tipo de vida ao qual a criança levava, o problema está justamente nas mudanças repentinas de vida, talvez de uma maneira mais intensa que a criança não consegue assimilar, provocando um período de *desorganização*. Um exemplo bem típico seria a queda acentuada do nível financeiro envolvendo toda a tensão familiar, trazendo inúmeras conseqüências no funcionamento de todos o que revolta muitas vezes a mãe, vendo os sofrimentos dos filhos quanto à situação.

AJURIAGUERRA (1998), o autor chama atenção para um dado importante e presente nessas situações, a distinção quanto às reações da criança frente ao divórcio dos pais, os fenômenos agudos e as conseqüências em longo prazo. Infelizmente a notícia do divórcio para a criança é uma revelação dramática de uma derrota inevitável, dependendo do caso ela sem dúvida irá reagir com grande emoção ou com uma atitude de derrota, de posição agressiva, acompanhada de reações de abandono e hostilidade, a situação difícil vai refletir nela um sentimento de culpa inevitável, pois automaticamente irá pensar que é a causa principal da derrota entre os pais e conseqüentemente surgirá às reações autopunitivas. Durante esta fase difícil, os pais deverão dar prioridade aos sentimentos e opiniões dos filhos.

AJURIAGUERRA (1998), o estudo das conseqüências do divórcio repercute na criança várias reações, como exemplo, a de ordem depressiva acompanhada de angústia, manifestando na criança um isolamento das pessoas mais próximas, apresenta também dificuldade em quer se alimentar apresenta um afastamento das relações sociais, fica tendo à noite pesadelos, enfim, ela pode vir a reagir de vários outros modos (cólera, fugas reativas, etc.) Apesar da situação ser bastante desgastante e difícil, não se pode especificar ao extremo que tais reações ao longo prazo irão sempre acontecer, em grande parte, irá depender do modo de reorganização familiar, no caso, a escolha do genitor que ficará com a criança, atitude do outro que às vezes abandona sua responsabilidade, intervenções de cada um dos genitores em sua vida.

Com a formação de uma nova família, muitas vezes a chegada do padrasto ou madrasta pode surgir novas dificuldades no relacionamento. Muitas vezes a mãe inculca na criança que aquela madrasta foi a responsável pela separação de seus pais, acumulando assim, imagens negativas para a criança imposta pela mãe a propósito do marido.

AJURIAGUERRA (1998). Existem idades que se tornam mais vulneráveis a separação dos pais. A crianças pequena em idade escolar dever apresentar algumas dificuldades no seu processo de aprendizagem, por estar emotivamente comprometida aos conflitos e por não compreender conscientemente e psicossocialmente aos danos de ordem afetiva. Já a criança mais velha reage de um modo mais evoluído, com uma

melhor compreensão, isso do ponto de vista intelectual, da existência dos problemas, mas inconsciente, não consegue se desprender, no caso de atitudes agressivas, as tomadas de posições quanto aos genitores são mais visíveis, não conseguindo resolver seus problemas, ela procura se envolver no contexto extrafamiliar buscando uma maior autonomia.

Sem dúvida é direito da criança que passa por determinadas situações conflituosas como a separação dos pais tomar conhecimento da situação, não a colocando como centro das agressões verbais, mais de conversar com ela baixinho, de explicar de fato o que se passa e principalmente tranquiliza-la. É importante que os pais façam com que ela sinta de modo especial que ambos irão continuar sendo seus verdadeiros pais, mesmo vivendo em lares separados, devendo-se expor com calma os motivos, a fim de ajuda-la a acalmar suas angústias. Explicar também a ela que não existem ex-filhos e nem ex-pais e que essa vinculação é para sempre. É importante que os pais a conscientize que é normal os adultos cometerem algum tipo de erro, e que esse erro que seus pais cometeram, um dia ela irá aceitar, o fato de seus pais, como todo ser humano, não serem perfeitos, e que isso faz parte do seu crescimento como pessoa.

Nesse momento em que os pais estão um pouco distante dos filhos ou não tendo mais aquela disponibilidade nesse exato momento, é essencial que ela perceba que a existência dos vínculos afetivos permanecem entre eles, mesmo depois do acontecido, que a família se fará presente lhe proporcionando carinho, apoio e principalmente para ouvi-la, para que ela se sinta pelo menos um a sensação de segurança nesse momento de perdas e impactos a ela. Em alguns casos a adaptação da criança à separação se torna ainda mais prolongada quando a criança tem uma relação harmoniosa e saudável tanto com o pai quanto com a mãe, mas ao contrário, há situações em que o relacionamento com um deles é cheio de conflitos, discussões, e não conseguem manter uma sintonia, nesses casos, a perda da convivência diária se torna um grande alívio.

Outro ponto em questão e muito delicado é assegurar-lhe que de modo algum deva ser condenada pela separação dos pais, e que o desentendimento de seus pais

não implica que ela tenha de estabelecer uma distinção entre ambos. Deve-se, no entanto, assegurar-lhe que, mesmo diante da situação, seus pais sempre a amarão, tanto um quanto o outro. A situação difícil que os pais deverão enfrentar é não participar do jogo, mais ou menos inconsciente, da criança, que ameaça coloca-los numa rivalidade cujo preço é seu amor, e não desvalorizar a imagem do genitor ausente.

A convivência dos pais separados com os filhos se tornam mais fáceis de se relacionarem quando conseguem manter um bom contato, mesmo com a existência de vínculos com outros parceiros, facilitando assim a continuidade e a convivência, mas quando a separação é esclarecida em conjunto e a convivência é mantida em nível compartilhado a educação dos filhos, é importante fazer com que as crianças percebam bem entre o convívio e a decisão de não viverem juntos no mesmo lar, até porque essa é uma realidade irreversível. Quando a separação não é bem aceita, tudo dificulta, principalmente com as dúvidas e problemas constantes, prejudicando ainda mais o sofrimento dos filhos.

MALDONADO (1995), a criança é um ser muito sensível e perspicaz, e em se tratando de um momento familiar em fase de desestruturação, percebe claramente o clima tenso e desgastante no final de um relacionamento familiar ou das crises e dificuldades vivenciadas pelos pais no dia a dia, mesmo os filhos não estando presente fisicamente. Nessas situações é muito importante os pais tomarem consciência da realidade em questão, principalmente quando envolvem filhos, pois muitas vezes as crises não são dialogadas abertamente como os filhos, talvez por acharem pequenos demais, acarretando sintomas e até alterações de condutas na criança. A autora menciona que as crianças assim apresentadas funcionando como verdadeiras "*caixas de ressonância*" dos conflitos dos pais. A criança fica tensa, róí nervosamente as unhas, dorme pouco e mal, costuma ter pesadelos à noite e prefere dormir com os pais na mesma cama. " Os filhos, mesmos quando são bem pequenos, captam o clima pesado de tensão e mal-estar que predomina em casa, mesmo quando não há brigas explícitas". (MALDONADO, 1995, p 169).

MALDONADO (1995), há situações, em que os pais ou familiares próximos subestimam a capacidade dos filhos, mentindo acerca da situação, deixando-as mais

confusas e perturbadas. É aconselhável aos pais expor os fatos de forma clara e simples para que ela possa pelo menos se situar diante dos fatos, facilitando assim, um reajuste a nova situação. Não é raro perceber que ocorre mesmo um desajuste familiar, quando a uma separação em vista, tudo muda como se houvesse um grande giro de cento e oitenta graus, e o que mais preocupa é a reação da criança, principalmente quando ela percebe que houve a perda do convívio dos pais na mesma casa, e até com os irmãos, na existência de alguns optarem para ficarem com um dos dois, a forma de se habituarem a novos hábitos e rotinas diárias e no próprio padrão de vida.

Evidentemente, tudo isso é difícil, como qualquer outra mudança de vida, a reorganização da vida e dos sentimentos leva tempo, mas se os pais se ajudassem a amenizar o sofrimento dos filhos seria um pouco melhor diante dos fatos, isso porque muitos mesmo depois de separados continuam brigando, intensificando mais os sofrimentos dos filhos, com as pressões e ataques recíprocos entres os pais. Mesmo sendo difícil para os filhos de pais separados, muitos "*aceitam*" por não terem que ver mais os pais discutindo e mostrando que estão infelizes, mas em muitos casos os conflitos permanecem por um bom tempo.

MALDONADO (1995), no início amargo da separação costumam ser árduas e difíceis para ambos os lados. Os filhos precisam de um determinado tempo para se habituarem à nova realidade, o que leva para alguns um bom tempo, implicando é claro em modificações negativas de condutas, em especial, um baixo rendimento escolar.

Segundo Maldonado (1995), o difícil impacto da separação para os filhos, faz voltar o pensamento e as emoções para tudo aquilo que esta se passando, os filhos por um período perdem parte da capacidade de se concentrar e aprender, visualizando uma grande perda escolar.

O convívio ligeiramente com o pai logo no início da separação pode gerar uma certa diferenciação na criança, dependendo de cada caso, podem voltar a casa alterada, agitada, chorosa, agressiva ou, ao contrário, volta silenciosa, isolada, enfim. A autora, afirma que isso possa a vir ocorrer temporariamente até a consolidação do vínculo com o pai, ou seja, que o vínculo se fortaleça com os novos hábitos de vida.

Infelizmente não é raro o aparecimento de algumas alterações na criança, como dor de cabeça, febre, diarreia, vômitos, perda ou excesso de apetite. Isso tudo seria consequência de um sinal visto como um sintoma, que aparecem com as ligeiras reações de angústias por não terem mais os pais na mesma casa ou por conviver diariamente nos conflitos dos pais num casamento totalmente conturbado.

MALDONADO (1995), os pais devem sempre pensar no bem-estar dos filhos, especificamente quando a relação foi desvinculada. Quando as datas importantes, como o Natal, Ano Novo e aniversário a criança tende a reativar os sentimentos de perda e de saudade pelo convívio rompido, por isso é importante que a família chegue num consenso em relação às datas de maneira satisfatória.

A separação dos pais nem sempre é traumática para os filhos e nem a causa dos problemas eternos, o que realmente acontece é simplesmente o fato de existirem casais mal casados, o que pode gerar danos mais sérios e permanentes nos filhos do que aqueles casais que assumem com coragem para tomar essa decisão, principalmente quando os problemas se concretizam, as crises, desajustes e incompatibilidade conjugais são irreversíveis. Os pais, a família e principalmente os filhos sofrem com essas tensões. Filhos de pais separados não implica necessariamente e emocionalmente se tornarem perturbados pelo resto da vida, qualquer mudança que possa vir ocorrer na vida de cada um gera grandes mudanças, não obrigatoriamente catastróficas e nem acarretam nos filhos uma infância infeliz e destruída. É importante que os pais preparem seus filhos para contar ou conversar sobre a separação, sendo com eles sinceros e claros, mesmo sabendo da existência de um impacto bastante forte de dor e culpa .

MALDONADO (1995), num lar de vários filhos onde os pais não convivem mais juntos, as reações deles podem variar na fase inicial da separação, a aquele que se torna mais agressivo, mais calado, evita tocar no assunto, há aquele que piora e melhora nos estudos, enfim.

A autora menciona um ponto que muitas vezes preconceituosamente as pessoas interpretam mal, que "os filhos de pais divorciados são filhos de casamentos

partidos, mas não de lares partidos". (MALDONADO, 1995, p.180). Os lares de pais divorciados podem constituir sadiamente um convívio harmonioso, embora a relação passada não exista mais. Casais que convivem no mesmo lar simplesmente por fachada, onde a integração e a convivência amorosa inexistem, esses são vistos como lares partidos.

A lição mais importante é demonstrar-lhes que apesar de seus pais não viverem juntos, continuam unidos no que diz respeito aos interesses e bem-estar de seus filhos, que são sensíveis às suas necessidades, isso os ajudará a crescer com confiança e fortalecerá sua auto-estima. Quanto mais os pais tomarem consciência deste problema, maiores as possibilidades de um futuro satisfatório para o filho.

### 3 A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA NESSE PROCESSO

A Psicopedagogia é um campo de confluência e de interseção dos mais diversos campos do saberes que permite uma revisão paradigmática da construção do conhecimento de um sujeito que é “singular” e que se inscreve em seu contexto social como “desejante” e “cognoscente”. “(...) na Psicopedagogia o ponto de partida é a aprendizagem e a relação do sujeito nesse processo”. (RUBINSTEIN, 1999, P 23).

A autora ressalta o reconhecimento desse sujeito como aprendente inserido em um contexto sócio-cultural, que se utiliza tanto da sua inteligência, quanto do seu desejo para aprender. A autora opta pela seguinte definição do conceito de aprendizagem segundo Elina Dabas (1988):

Aprendizagem é o processo pelo qual um sujeito, em sua interação com o meio, incorpora a informação oferecida por este, segundo suas necessidades e interesses. Elabora esta informação através de sua estrutura psíquica, constituída pelo interjogo do social, da dinâmica do inconsciente e da dinâmica cognitiva, modificando sua conduta para aceitar novas propostas e realizar transformações inéditas no âmbito que o rodeia. (RUBINSTEIN, 1999, p. 23).

Rubinstein (1999), no ramo da Psicopedagogia é fundamental conhecer e compreender o processo da aprendizagem humana, para então, poder compreender a dificuldade de aprendizagem, visando à integração das ciências pedagógicas, psicológicas, fonoaudiológicas, neuropsicológica e psicolingüística para uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem humana.

Baseado em Visca (1987), a Psicopedagogia tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem humana, requer uma visão interdisciplinar e global da multiplicidade de aspectos apresentados no ser humano. A prática psicopedagógica se refere às técnicas de intervenção que tratam da construção do conhecimento e às dificuldades que essa construção apresenta para o sujeito.

Enquanto atuação hoje a psicopedagogia visa favorecer a apropriação do conhecimento no ser humano, ao longo da sua evolução, ou seja, tem por objetivo a promoção de aprendizagens e configura-se como uma prática clínica que integra diferentes campos de conhecimento, envolvendo elaboração teórica a respeito do ponto de convergência em que opera.

As relações com o conhecimento, à vinculação com a aprendizagem, as significações contidas no ato de aprender, são estudados pela Psicopedagogia a fim de que possa contribuir para a análise e reformulação de práticas educativas e para a ressignificação de atitudes subjetivas.

RUBINSTEIN (1999), a autora especifica ainda mais sobre o ponto da intervenção psicopedagogia, cujos limites são amplos e que não se resume somente em “modelos” predeterminados, mais de um dinamismo envolvendo o terapeuta/cliente, embora não seja descartada a utilização de propostas de trabalho para mediar o processo humano de aprendizagem, é importante notar que esse próprio processo é um fenômeno complexo, envolve vários fatores e desafia qualquer explicação a partir de um único discurso científico.

O diagnóstico psicopedagógico é composto de várias etapas que se distinguem pelo objetivo da investigação em um dos eixos e dimensões apresentadas, considerando a Psicopedagogia como sendo um “campo de ação”, os processos interventivos dependem dos recursos do terapeuta (técnica profissional), ou seja, de sua formação, do seu conhecimento teórico e principalmente do seu próprio *estilo de trabalho*, nesse momento a “técnica utilizada no processo não é definida como um conjunto de métodos, e sim de todo um” estilo “próprio do terapeuta, englobando suas crenças, referenciais teóricos e, acima de tudo, sua formação pessoal.

VISCA (1991), propõe uma ordem singular de cinco passos fundamentais de trabalhar no processo diagnóstico, o que segundo o autor “consiste na série de passos por cujo intermédio se realizam o reconhecimento, o prognóstico e as indicações”. (VISCA, 1991 p 36). Inicialmente, a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), seriam observados o sintoma e as causas co-existentes, nela substituiria as

provas pedagógicas, em seguida, em outro momento, consistiria na aplicação de alguns testes para averiguar a estrutura cognitiva e emocional, a entrevista de anamnese e elaboração do informe psicopedagógico para o sujeito e para a família.

Estas etapas podem ser modificadas quanto a sua seqüência, e maneira de aplicá-las, como, por exemplo, entrevistas separadas para casais separados que não se relacionam amigavelmente; duas anamnese, uma no início e outra antes da devolução, quando há necessidade de maior investigação junto à família, primeira sessão com o sujeito, sessões lúdicas com membros da família convocados, quando há necessidade de analisar a relação entre estes sujeitos e suas implicâncias no processo de aprendizagem.

De acordo com Jorge Visca (1991), as sessões lúdicas centradas na aprendizagem são fundamentais para a compreensão dos processos cognitivos, afetivos e sociais, e sua relação com o modelo de aprendizagem do sujeito. As provas e testes podem ser usadas, se necessário, para especificar o nível pedagógico, estrutura cognitiva e/ou emocional do sujeito. Podemos lançar mão de provas e testagens específicas que irão fornecer um parâmetro bem evidente a partir das respostas. O uso de provas e testes não é indispensável em um diagnóstico psicopedagógico, representa um recurso a mais a ser utilizado quando avaliado necessário, devendo ser escolhido de acordo com cada caso. Já as provas operatórias, testes psicométricos e técnicas projetivas poderão ser selecionados de acordo com a necessidade de confirmação de aspectos levantados nas hipóteses construídas ao longo das sessões anteriores.

Em outro momento segue-se a anamnese, sempre numa perspectiva aberta e situacional, seguindo as linhas de investigação, para depois a realização do estudo, por fim a devolutiva aos pais e à criança, se necessário.

A síntese diagnóstica é o momento em que é preciso formular uma única hipótese a partir da análise de todos os dados colhidos no diagnóstico e suas relações de implicância, que por sua vez aponta um prognóstico e uma indicação. Esta etapa é muito importante para que a entrevista de devolução seja consistente e eficaz.

A Entrevista de Devolução e encaminhamento é o momento que marca o encerramento do processo diagnóstico. É um encontro entre sujeito, terapeuta e família visando relatar os resultados do diagnóstico, analisando todos os aspectos da situação apresentados, seguindo de uma síntese integradora e um encaminhamento. Esta é uma etapa do diagnóstico muito esperada pela família e pelo sujeito e que deve ser bem conduzida de forma que haja a participação de todos, procurando eliminar as dúvidas ou pelo menos discuti-las exaustivamente afastando rótulos e fantasmas que geralmente estão presentes em um processo diagnóstico.

SCOZ et al. (1990), o trabalho inicial que o psicopedagogo lida, independente de qual for o problema que a criança apresente, seja de origem familiar ou escolar, enfim, ele inicialmente lida com a formação de um diagnóstico que busca a explicação das condições de aprendizagem do paciente, identificando áreas de competência e de dificuldades para auxiliar esse diagnóstico, o psicopedagogo desenvolve os seguintes procedimentos, no caso inicial a anamnese, contato com os pais e escola, observação do desempenho em situação de aprendizagem, material a ser utilizado, aplicação de testes psicopedagógico específicos e na maioria solicitação de exames complementares, psicológico, neurológico, oftalmológico, audiométrico).

Com o entendimento do fator oriundo da dificuldade apresentada, bem como a significação emocional do problema na família ou na escola, trabalha em conjunto com os demais profissionais que auxiliam para assim avaliarem o paciente. Assim poder determinar as prioridades de tratamento.

SCOZ et al. (1990), a partir das indicações terapêuticas, o especialista devolve os resultados obtidos no tratamento aos pais, à escola e planeja o atendimento psicopedagógico, incluindo todo um referencial teórico. O conhecimento da dificuldade é fundamental, não somente para determinar as prioridades do tratamento e as escolhas da metodologia utilizada, mas, principalmente, para planejar soluções benéficas preventivas de caráter social.

Considera-se as crianças que apresentam dificuldades em decorrência de situações negativas de interação social, há a percepção subjetiva, por parte da criança,

de alguma ameaça de ordem afetiva que interfere no processo de aprendizagem. É talvez considerado o maior grupo de falha no processo de aprender. Nesse caso o profissional deve fazer um diagnóstico preciso para que alternativas possam ser criadas no sentido de modificar as situações desencadeadoras do entrave no processo de aprendizagem. Para isto é preciso que se observe às relações *criança, família e escola*.

Portanto, ao final do diagnóstico psicopedagógico, o especialista já deve ter formado uma visão global do aprendente e sua contextualização na família, na escola e no meio social em que vive. Deve ter uma compreensão do seu modelo de aprendizagem, o que interfere no aprender do ponto de vista cognitivo, afetivo e social, que recursos possui, se o mobilizará ou não, que direção tornam seus interesses e motivações na busca do conhecimento.

Nesse caso, o psicopedagogo a fim de intervir neste processo seja para potencializá-lo ou para sanar possíveis dificuldades de aprendizagem, utiliza-se de instrumentos próprios da Psicopedagogia para este fim, cria situações desafiadoras da ação e do pensamento das crianças, selecionando atividades e jogos que provocam a necessidade de agir sobre objetos, pensar antes de agir, refletir sobre as próprias ações e interagir com outras crianças, sempre que possível, as atividades apresentadas sob a forma de jogos e as atividades pelas quais as crianças manifestam desinteresse ou enfado são substituídas por outras que possam ser mais interessantes. Concebe todo o trabalho psicopedagógico como atrativo para a criança, estando de acordo com os interesses e curiosidades delas, o espaço físico, o espaço ambiental deve ser estimulante, para que queiram aprender.

Nesse estudo que se busca a relação entre o *afeto* e *cognição* é vista no campo psicopedagógico como fator determinante no processo da aprendizagem humana, onde o sujeito que aprende está diretamente vinculado ao outro, inserindo o contexto da linguagem, do social e da cultura.

WEISS (1997), os aspectos emocionais estão ligados ao desenvolvimento afetivo e sua estreita relação com a construção do conhecimento, nessa construção

envolvem aspectos do inconsciente no ato de aprender. Já o não-aprender neste processo expressa uma dificuldade na relação da criança com sua família, gerando assim um sintoma de uma relação *doentia*.

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem. (WEISS, 1997, p. 27)

Já Dolle (1993), mais na linha dos sinais perceptíveis, reforça que a afetividade está implicada com as significações, a afetividade nas relações interindividuais, se alimenta unicamente do sentido e que é este quem a estrutura, desequilibra, equilibra e reequilibra. Para o autor, a afetividade como estado não age por si só, mas pelas manifestações e reveladas em múltiplas e diversas condutas (sorrisos, choros, carícias, gestos, olhares ternos, sombrios, tristes, etc). Enfatiza que não é possível separar a afetividade de suas manifestações, tanto como não há possibilidade de separar a estrutura do funcionamento.

Assim conforme Dolle (1993), a afetividade exerce sobre si mesma um certo poder. Qualquer que seja o sujeito, por mais dinâmico que possa ser, geralmente pode tornar-se fraco e apático, por efeito de uma *decepção ou fracasso*. Para o autor, um encorajamento ou uma acusação, assim como uma simples palavra pronunciada num tom diferente do habitual, são suficientes para desestabilizar.

Nesse sentido, é possível concluir que a afetividade não se limita apenas às manifestações de carinho físico e de elogios superficiais. Como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade sentimentos como estes, mais consistentes e profundos serão os relacionamentos, promovendo uma aprendizagem significativa.

Henri Wallon e vários autores estudiosos de sua psicogênese já afirmaram que é possível atuar sobre o cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse sentido, torna-se evidente que condições afetivas favoráveis facilitam a aprendizagem. Os dados apresentaram momentos onde se destacou a preocupação das professoras em transmitir tranquilidade aos alunos, favorecendo o processo de aprendizagem.

PAIN (1996), acredita que o desejo do saber é algo inerente à espécie humana, a criança quando perde esse desejo, antes de mais nada, é preciso acreditar na possibilidade de resgatar algo que já existe e que por algum motivo não está presente naquele momento. Se a auto-estima da criança é a confiança que ela tem em sua capacidade de lidar com desafios básicos da vida, um deles consiste no relacionamento com os outros seres humanos. Isto significa relacionar-se de tal forma que suas interações sejam experimentadas como positivas, tanto por eles como pelas outras pessoas. Sabe-se que nenhuma interação humana será tão bem sucedida quanto pode ser se uma ou ambas as partes temerem a auto-afirmação e a auto-expressão normal.

A relação afetiva é sem dúvida a base fundamental para que o processo da aprendizagem se processe. O discurso esclarecido anteriormente constata que o aspecto afetivo desempenha profunda significação sob o cognitivo. É importante salientar que o profissional que lida diretamente com as dificuldades de aprendizagens, se torne imprescindível em seu conhecimento os períodos do desenvolvimento infantil, e como os aspectos afetivos e cognitivos se desenvolvem.

Além disso, mesmo reconhecendo a importância dos fatores emocionais e afetivos na aprendizagem, o objetivo da ação do psicopedagogo é buscar soluções concretas para solucionar e resolver dificuldades nesta área, analisando alguns pontos que se julgam centrais conforme afirma, Pain (1996), o sujeito da aprendizagem opera sobre dois vértices distintos: *o desejo e a inteligência*. Ao considerar a dimensão afetiva que o aluno traz como bagagem psíquica, e a articulação desta, com os processos intelectuais, tem-se uma visão interligada que é de importância fundamental para a compreensão desse aluno e do processo de aprendizagem como um todo que engloba

segundo a autora, também as estruturas *orgânica* e *corporal*, numa visão integradora do processo diagnóstico e na intervenção psicopedagógica.

O profissional que lida nessa área se torna apto e indispensável no decorrer desse discurso, principalmente, quando a criança é ameaçada por laços familiares desvinculados, afetando diretamente no seu desempenho escolar. Considera que a família possa amenizar soluções que promovem os bloqueios da aprendizagem na criança, como também pode afetá-los bruscamente.

AJURIAGUERRA (1980), o atraso escolar, por razões sociais, tornou-se um verdadeiro problema de origem familiar, a discordância entre o nível intelectual e escolar leva a crer ou atribuir uma defasagem a um distúrbio afetivo, embora exista um grande número desses atrasos esteja relacionado a outros fatores.

O lado social que a escola assume também é produto da sociedade em que o sujeito vive e participa da inclusão nesta mesma sociedade. A escola é, então, participante desse processo de aprendizagem que inclui o sujeito no seu mundo sócio cultural. Ela é, com efeito, a grande preocupação da psicopedagogia em seu compromisso de ação preventiva. Cada sujeito tem uma história pessoal, da qual fazem parte várias histórias: *a familiar, a escolar e outras*, as quais articuladas condicionam-se mutuamente.

SCOZ et al. (1990), uma criança que está com um déficit em seu rendimento escolar, poderá ter vindo de um transtorno específico da aprendizagem ou, seu problema estaria envolvido em uma manifestação de uma problemática familiar, disfuncional, onde a própria família não propicia a criança um ambiente saudável, deixando-a imatura para prosseguir um bom rendimento acadêmico. Um dos pontos para evidenciar qual seria o problema específico da criança é discriminar se existe um problema de aprendizagem ou um baixo rendimento provido de ambiente familiar conflituoso.

A partir desses fenômenos analisados, é indiscutível que a família exerça enorme influencia no desenvolvimento da criança. Sob este âmbito, quando uma

criança passa por determinadas situações em conflitos familiares, observa-se que muitas vezes o processo de desenvolvimento na aprendizagem foi de certa forma inibido, estacionado podendo assim dizer. Nesse momento a atenção se desdobra, pois a criança entra num período crítico de desafagem escolar, cabendo não só ao profissional a tarefa de levar a criança a reintegrar-se à sua vida escolar normal, como a escola e principalmente a família.

Nesse caso, o profissional irá esclarecer e determinar posturas diante da família para o problema, utilizar-se de definições mais descritivas, acompanhadas de estratégias que permitam aos pais, além de compreender a problemática, ter atitudes apropriadas, orientadas à solução do problema, para que possam amenizar aos poucos o problema e principalmente dando um suporte emocional necessário, no entanto, se a família dar assistência à criança rotineiramente é obvio que facilitará a ajudá-la a enfrentar suas dificuldades, mas com expectativas claras que levam em conta os obstáculos que a criança enfrenta.

A percepção das dificuldades costuma aparecer com clareza em brincadeiras e desenhos: uma criança de cinco anos, na época crítica que culminou na separação dos pais, passou a desenhar sistematicamente um boneco-pai separado da boneca-mãe por uma flor gigantesca; depois, começou a desenhar casas partidas em duas metades e um mar revolto afundando o barco. (MALDONADO, 1995, p. 168).

A criança que apresenta essa realidade demonstra um grau de grande preocupação ao trabalho terapêutico, pois evidencia reflexos negativos na relação familiar, apresentando suas dificuldades afetivas, cognitivas e sociais. É importante que esse primeiro aspecto, o diagnóstico e o prosseguimento do tratamento esteja ligado a determinados pontos específicos como: aspectos *cognitivos* e até *neurológicos* ligados a abordagens quanto aos problemas são de fundo emocional.

No segundo aspecto que abrange esta pesquisa, se o baixo rendimento apresentado pela criança na escola estaria vinculado aos problemas familiares, cabe ao profissional um diálogo em conjunto com a família ou até mesmo com a escola em prol

de um esclarecimento, avaliando a necessidade de novas mudanças no ambiente familiar, para que possam juntos encontrarem alternativas significativas para resolver ou pelo menos no início amenizar esse processo tão desgastante e conflituoso para a criança.

No entanto, é preciso esclarecer aos pais que diante de um problema de aprendizagem, a criança conseqüentemente apresenta uma ansiedade, o que anteriormente repercuti nos pais um mau entendido, como, por exemplo, castigam a criança, ficam distante afetivamente, mencionam palavras que subestimam a criança, introjetando inúmeras formas negativas, evidenciando mais mudanças bruscas na criança.

Vale ressaltar que as dificuldades de aprendizagem são um assunto vivenciado diariamente por educadores na sala de aula e que preocupa também a outros profissionais ligados a área. Ainda hoje, tais crianças têm sido ignoradas, mal diagnosticadas e mal tratadas, a escola também se enquadra pelas dificuldades de aprendizagem apresentadas e tentar mostrar, muitas vezes, distorcidamente em dar respostas. Como por exemplo, expulsões da escola, avaliações imediatas, enfim, teta puniu negativamente. O profissional chama a atenção que tanto a escola com a família são responsáveis pela melhoria da criança, buscando, além disso, mudanças benéficas que lhes promovam a ajuda-la e não causa-la danos contrários.

Os efeitos emocionais muitas vezes agravam o problema. Se o rendimento escolar for fraco, as crianças com dificuldades talvez sejam mais vistas como fracassos pelos professores, talvez até mesmo pela própria família. Infelizmente, muitas dessas crianças desenvolvem uma auto-estima negativa que pode persistir quando crescem. Isso preocupa, pois os problemas de aprendizagem geralmente não desaparecem. Por isso é essencial que elas recebam o apoio dos pais.

Mas, para darem apoio, os pais precisam primeiro examinar os seus próprios sentimentos. Alguns sentem culpa, como se de algum modo fossem culpados pela condição da criança. Outros entram em pânico, sentindo-se esmagados pelos desafios

à frente. Ambas as reações são inúteis. Elas imobilizam os pais e privam a criança da necessária ajuda.

Os especialistas frisam que se deve elogiar a criança por qualquer bom desempenho, por mais insignificante que seja. Mas, ao mesmo tempo, não se deve negligenciar a disciplina e o método. As crianças precisam de uma estrutura sólida, em especial as que têm dificuldade de aprendizagem. Há crianças que manifestam uma dificuldade temporária porque o seu desenvolvimento em alguma área sofreu atraso.

Conduzir a criança a um processo de terapia é uma decisão que pode ser custosa para os pais. Em geral, para estes, tomar tal decisão seria como assumir suas falhas, suas limitações enquanto pais e, até mesmo, entrar em contato com o fato de que eles próprios podem estar precisando de ajuda. Algumas vezes os pais deixam para procurar ajuda terapêutica quando a situação torna-se insustentável para todos, não é descartada a hipótese da criança se fazer presente no consultório no momento em que os pais estiverem relatando o problema, visando situar-lhe neste para que não seja gerada na criança fantasia acerca da situação. Desta forma a criança pode começar a depositar confiança na pessoa do terapeuta, percebendo que sua postura é justa e imparcial e que a criança é tão ou mais participante quanto seus pais.

Através da ludoterapia, a psicopedagogia tenta trabalhar com as crianças, as causas subjacentes de problemas que se acreditava terem produzido "bloqueios emocionais" na aprendizagem, que muitas vezes sozinha não pode solucionar. A psicopedagogia tenta solucionar a remoção desses bloqueios, numa tentativa de "libertar" a criança para aprender. A cooperação com a escola é um aspecto vital, tanto no diagnóstico como no tratamento, os pais podem não perceber pequenas alterações que afetam o comportamento e o rendimento na escola se for possível obter indicações objetivas de que a criança é capaz de um desempenho mais aceitável, isto facilitará a forma de lidar com ela.

O terapeuta precisa experienciar com a criança tudo o que ela traz guardado no seu mundo, deve também estar respaldado em referencial teórico acerca do desenvolvimento infantil, o que lhe permitirá enfatizar o encontro da relação entre

afetividade e aprendizagem e delimitar um plano de ação que irá permear a relação entre todos.

Com o início das sessões lúdicas o psicopedagogo julga ser relevante o conteúdo do brinquedo, através do qual o poderá analisar a representatividade dos desenhos, trabalhos com massa de modelagem, pinturas, recortes, estórias, jogos, fantoches, atividades psicomotoras, todas são utilizadas tendo como objetivo proporcionar à criança vivenciar experiências sensoriais é através dessas atividades lúdicas que se constrói uma ponte para que a criança internalize seus sentimentos e emoções, sendo este o modo pelo qual a criança poderá expressar-se no processo psicopedagógico.

Cabe ao terapeuta facilitar à criança que esta manifeste seus sentimentos, em sua maioria, isto acontece através de técnicas que estimulam a projeção. A criança pode expressar através de estórias ou desenhos muito do que guarda dentro de si, ainda que aparentemente, de início, possa não estar clara a ligação deste material com sua própria vida.

Um momento bastante delicado no período do tratamento, principalmente com crianças, é o término do processo. É necessário que haja todo um preparo prévio para este momento, em decorrência do vínculo afetivo que foi criado e que, de fato, o terapeuta está lidando com os sentimentos de uma criança. Não é aconselhável a interrupção brusca e repentina do contato com a criança, visto que isto pode ser fonte geradora de insegurança nesta, que pode precisar da garantia de poder retornar sempre que julgar necessário. Para tanto, as sessões podem começar sendo espaçados, ficando cada vez mais distantes um contato do outro. Da mesma forma, é relevante que se converse com a criança acerca de todo processo terapêutico, como uma espécie de avaliação, para que a criança sinta que há espaço para expressar o que sente, como no caso, com a relação do fim do tratamento.

Entretanto, é necessário ter cuidado para que a mudança de comportamento não seja confundida com apenas uma melhora de comportamento, o que não constitui motivo suficiente para que o tratamento seja finalizado. Para respaldar esta decisão, é

necessário que o terapeuta utilize o trabalho realizado com a criança, através do qual ela expressa todo o material que guarda dentro de si.

A forma como esses pais se posicionam em relação ao tratamento é decisiva, a psicopedagogia entende, o lugar dos pais não apenas como o seu papel ou a sua importância no tratamento, mas como a forma com que eles se posicionam, interferindo nas configurações que assume a prática clínica. Tornam-se, assim, uma peça fundamental no processo terapêutico da criança. Vale ressaltar, a preocupação do papel da família e como sua participação poderá contribuir no processo evolutivo do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

No atual contexto escolar, vive-se perguntando o porquê da ausência dos pais, diante das promoções, eventos e decisões pertinentes à escola, bem como, um certo descaso em relação ao ensino aprendizagem. Esta preocupação é algo que afronta e persegue nosso cotidiano, tornando visível a maior ausência dos pais, a cada ano que passa.

A aprendizagem é, portanto um processo pessoal, de cada indivíduo, isto é, tem fundo genético e depende de vários fatores. Sendo esses fatores os esquemas de ação do indivíduo, o estágio de maturação de seu sistema nervoso, o seu tipo psicológico constitucional (introvertido ou extrovertido), o seu grau de envolvimento, seu esforço e interesse.

Aprendemos por nós mesmos, não podemos aprender pelos outros. As novas aprendizagens do indivíduo dependem de suas experiências anteriores. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré-requisitos para as subseqüentes. Por esse motivo, dizemos que a aprendizagem é um processo cumulativo, ou seja, cada etapa integra-se ao repertório de conhecimento e de experiências que o indivíduo já possui, indo se constituir sua bagagem cultural.

Este processo de acumulação de conhecimento não é estático. Em cada nova aprendizagem a criança reorganiza suas idéias, estabelecendo relações entre as

anteriores e as novas, colocando seus sentimentos nesse julgamento (“Isto é certo”, “Aquilo é errado”, etc...). Trata-se, portanto, de um processo integrativo, dinâmico.

A motivação é um fator que faz a criança querer aprender levando-a ter sucesso na aquisição do conhecimento. As motivações que levam a criança aprender são de níveis de desenvolvimento humano biológico, psicológico e social. Muitos estudos são feitos na busca de fundamentos teóricos, para auxiliar a família a fornecer estímulos adequados para suas crianças. Os fundamentos teóricos vêm contribuindo no desenvolvimento escolar da criança na forma de subsídios para a compreensão das dificuldades de aprendizagem, apontando as condições que poderão ser trabalhadas.

Os grandes problemas encontrados nas escolas são alunos com problemas de aprendizagem, agressividade e sem vontade de estudar. Eles sempre são discriminados e apontados como alunos problemas.

Um dos principais objetivos do professor e dos pais é de instigar o interesse e o amor da criança pelos estudos. Se a criança não for motivada, não se sentirá motivada para estudar. É preciso dar-lhe o empurrão inicial, colocá-la em movimento, transmitir-lhe ânimo. Por exemplo, elogiá-la pelos menores progressos ou oferecer-lhe palavras de incentivos são atitudes que provocam grande interesse pelo estudo.

É preocupante o elevado índice de separação dos pais na nossa sociedade moderna, fazendo deste um fenômeno cada vez mais presente na atualidade, crianças com problemas extremos de laços afetivos desfeitos dos pais. Partindo-se deste difícil momento na vida destas crianças, seja na escola, e principalmente na família, que nem sempre recebem o devido acompanhamento e orientação para atravessar essa fase sem maiores prejuízos. A psicopedagogia e com certeza outras áreas envolvidas como a educação não descarta-se, entretanto, a possibilidade de um possível esclarecimento por parte dos pais, professores e de todos aqueles que convivem com crianças, para que possam proporcionar às crianças que enfrentam o problema da separação dos pais o devido amparo e encaminhamento para que possam atravessar este momento de maneira menos penosa possível.

É necessário observar nas crianças constantemente para que se possa constatar qualquer situação problema. Com esse *olhar psicopedagógico*, a escola, os pais poderão organizar como um grupo democrático, dialógico e participativo, buscando soluções para os problemas encontrados. É necessário ainda, que o corpo docente conheça e compreenda as prioridades e dificuldades da comunidade escolar para apropriar-se do conhecimento científico através de uma proposta escolar voltada para a realidade do aluno, em que a família esteja envolvida.

A psicopedagogia busca o crescimento dos processos da aprendizagem e auxiliar no que diz respeito a qualquer dificuldade em relação ao rendimento escolar, deve-se considerar que o desenvolvimento deste se dá harmoniosamente e equilibradamente nas diferentes condições orgânica, emocional, cognitiva e social. As dificuldades de aprendizagem podem surgir quando um ou mais aspectos citados encontram-se alterados e tendem a agravar-se na medida em que não são diagnosticados precocemente.

Podemos afirmar que o ser humano é singular e a ele, somente a ele pertence sua situação, sua relação com o processo que lhe foi oferecido e o desenrolar deste.

Que este estudo fique como um desafio, não apenas para melhorar as condições do aprendente, mas também para que os adultos interessados acreditem nas possibilidades de mudanças, buscando os possíveis entraves dentro das próprias competências. Com esta busca será possível encontrar melhor as dificuldades do outro e, assim, sem onipotência ou descrença, possa, com menos culpa, ser mais co-responsável. Segundo Alicia Fernandez (1990), para poder entender a modalidade de aprendizagem é preciso saber pessoalmente construir o seu próprio saber.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema aqui discutido é muito relevante, porém de fundamental importância para o conhecimento de todos os envolvidos. Convergem nos postulados dos teóricos clássicos como o psicólogo suíço Jean Piaget, o educador e também psicólogo russo Lev Vygotsky, o médico francês Henry Wallon e o Psicanalista Sigmund Freud, uma breve compreensão das relações entre o afeto e a cognição no desenvolvimento infantil, onde ambos deixam claro que afetividade e inteligência se misturam, dependendo uma da outra para evoluir, visto que a dimensão afetiva é um elemento marcante para o desenvolvimento da espécie humana.

O desenvolvimento do afeto e da inteligência são temas nucleares nesse estudo. Com base na pesquisa pode-se entender que o desenvolvimento afetivo, motor e o desenvolvimento intelectual encontram-se no ser humano indissociáveis, está, portanto, mais do que evidenciado por estudiosos, pesquisadores e especialistas, a necessidade de se cuidar do aspecto afetivo da criança, não somente quanto à existência da separação dos pais, mais em si, no processo ensino/aprendizagem, levando em conta que a criança é diferente, cognitiva e afetivamente falando, em cada fase do seu desenvolvimento.

A questão que torna importante esclarecer é quanto ao aspecto emocional como fonte indispensável para a vida humana e que de seu bom funcionamento dependerão as múltiplas aprendizagens que vamos acumulando durante toda a nossa existência. Isto é, o aspecto afetivo tem profunda influencia sobre o desenvolvimento intelectual, o que acarreta um aceleração ou retardo no processo da aprendizagem e conseqüentemente afetando o processo do desenvolvimento. No estudo em questão percebe-se que as crianças emotivamente atingidas pelo divórcio dos pais apresentam sérias dificuldades tanto na aprendizagem, como apresentam condutas diferentes do normal. Ou seja, a questão afetiva se bem atendida ajudará a criança para que tenha êxito na escola.

Pode-se entender diante da pesquisa que nos dias atuais, muitas crianças do mundo todo, são afetadas pelo divórcio e várias são as dúvidas dos pais, muitos se sentem desorientados, confusos e não sabem o que fazer para ajudar seus filhos a lidar com a "perda". Com o surgimento de um novo casamento ou namoro, não sabem como agir e explicar para criança a presença de outra pessoa na sua vida, complicando ainda mais a vida dos filhos, acarretando dificuldades na aprendizagem, como baixo rendimento escolar e principalmente atingindo seu estado emocional.

Foi possível analisar como sendo uma situação complicada tanto para os pais como para os filhos, o que irá depender do relacionamento entre os pais e entre a criança e os genitores antes, durante e depois do divórcio, cada criança reage de forma diferente, mas todas precisam de ajuda e de tempo para lidar com o divórcio de seus pais, adotar atitudes positivas para si e seu filho. Isto irá facilitar o processo de aceitação e recuperação. O estudo permitiu concluir também que, as crianças têm nos pais os seus primeiros exemplos, e somente a eles é possível uma harmonia familiar conjunta.

A pesquisa esclarece que uma das mais comuns experiências ambientais, hoje em dia, capazes de determinar alterações emocionais nas crianças é a separação conjugal dos pais. Durante os momentos difíceis da separação conjugal, tanto os pais quanto, de um modo geral, a própria criança sofre por um bom tempo, até se estabilizarem a uma nova vida.

As crianças em idade escolar são perfeitamente capazes de observar e vivenciar qualquer clima de hostilidade entre seus pais. Ainda que na fase pré-separação a tática de beligerância dos pais seja do tipo "agressão pelo silêncio", dependendo da idade da criança haverá percepção sobre o tipo de clima que existe entre o casal e que o casamento está atravessando sérias dificuldades.

Percebe-se, então que para melhorar a afetividade das crianças na separação conjugal dos pais são informações claras e honestas sobre o futuro. Mas nem sempre os próprios pais sabem muito a esse respeito, tornando a situação conflituosa, tornando-a ainda mais difícil.

Apesar de todas as propostas de ensino inovadoras, é preciso refletir como as dificuldades de aprendizagem podem ser trabalhadas e como os estímulos fornecidos pela família podem ampliar o conhecimento destas crianças. Portanto, tem-se por finalidade buscar fundamentos teóricos que esclareçam o papel da família em fornecer estímulos para as crianças, contribuindo no seu desenvolvimento escolar.

Encontrar subsídios para a compreensão das dificuldades de aprendizagem, possibilitando a transformação dos conceitos no relacionamento família e escola, explicitar valores e incluir procedimentos, ou seja, um caminho para que haja uma transformação nos relacionamentos na família e escola, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participativos.

A criança tem que ser criança, permitindo assim que ela se “mostre” dentro de suas possibilidades, confiando assim seu potencial e mantendo-se curiosa e imaginativa.

É importante a consciência de que a criança traz consigo a bagagem natural cultural e também traz todas as referências afetivas. A atuação da Psicopedagogia tem como base o pensar, a forma como a criança pensa e não propriamente o que aprende. Ter um olhar psicopedagógico de um processo de aprendizagem é buscar compreender como eles utilizam os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender. É também buscar compreender a reação do aluno com o conhecimento, a qual é permeada pela figura do professor e pela escola, portanto, a Psicopedagogia preocupa-se, portanto, como a criança aprende.

Assim, conclui-se reafirmando que os profissionais desta área precisam ter consciência de que o seu principal material de trabalho é o ser humano, que é dotado de peculiaridades e complexidades que precisam ser consideradas, incluindo os relacionados ao contexto histórico, social, ambiental e emocional de cada ser humano.

Atendendo as necessidades afetivas das crianças, desde cedo, mais satisfeitos consigo mesmo e com os outros, e terão mais facilidades e disposição para aprender.

Nessas breves considerações finais, não pretende-se concluir os argumentos descritos ao longo deste documento, mas levantar uma problemática ainda maior, no que concerne à compreensão da relação entre o aspecto afetivo interligado a aprendizagem, para uma melhor compreensão e entendimento.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. de. **Manual de Psiquiatria Infantil**. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980.
- AJURIAGUERRA, J. de. **Manual de Psicopatologia**. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1998.
- BARROS, C.S. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1991.
- BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1998.
- DANTAS, H. et al. **Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.
- \_\_\_\_\_ **Algumas Contribuições da Psicogenética de H. Wallon para a Atividade Educativa**. Revista de Educação da A. E. C., Brasília, v. 23, n.º 91, p. 45-51, Abr/jun, 1994.
- DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: MAKRON, 2001.
- DOLLE, Jean Marie. **Para Compreender Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DOLTO, Françoise. **Quando os Pais se Separam**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1920.
- FERNÁNDEZ Alicia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- GALVÃO, I. Henri Wallon: **Uma concepção Dialética do Pensamento Infantil**. Petrópolis: RJ: Vozes, 1995.
- GARAKIS, Solange Cescon. **Divulgando Piaget: exemplos e ilustrações sobre a epistemologia genética**. Fortaleza: UNIFOR, 1998.
- GIUSTI, E. **A Arte de Separar-se**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- GOLSE, B. **O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LA TAILLE, Y. de OLIVEIRA, M. K. de DANTAS, H. **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MALDONADO, M. T. **Casamento: Término e Reconstrução.** Petrópolis: Vozes, 1995.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vigotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sócio-Histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, M. K. **O Problema da Afetividade em Vigotsky.** In: DE LA TAILLE, Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PAIN, S. **Subjetividade e Objetividade, Relações entre o Desejo e o Conhecimento.** São Paulo: Cevec, 1996.

PICHON – Rivière, E. **Teoria do Vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia.** Porto Alegre: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Inteligência na Criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RUBINSTEIN, Edith. **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SCOZ, Beatriz et. al. **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente.** Porto Alegre: Artmed, 1987.

\_\_\_\_\_. **Psicopedagogia: novas contribuições.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 5ª . ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

\_\_\_\_\_. **Do Ato ao Pensamento**. São Paulo: Manole, 1989.

WALLERSTEIN, J. S. & KELLY, J. B. **Sobrevivendo à Separação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WEIS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

WINNICOTT, DW. **Conversando com os Pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**ANEXOS**

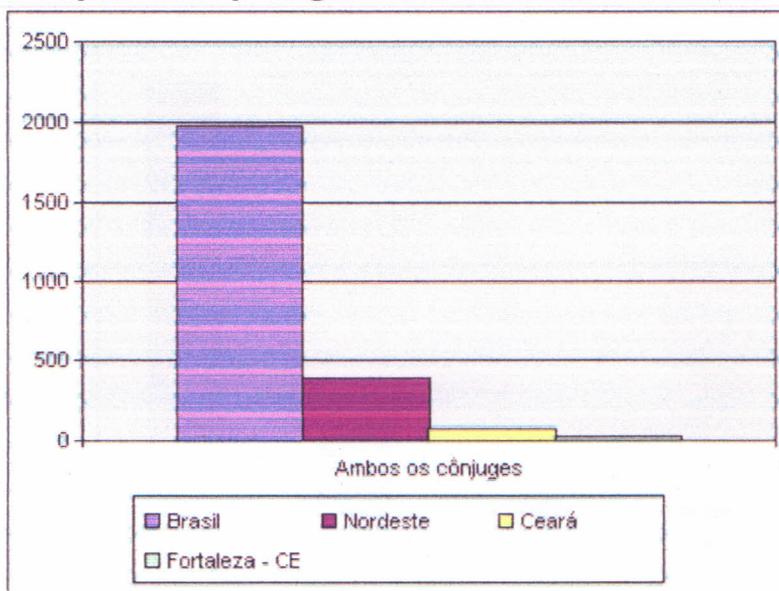
**Tabela 721 - Número de divórcios concedidos em primeira instância a casais com filhos menores de idade por responsável pela guarda**

**Variável = Número de divórcios concedidos em 1a instância a casais com filhos menores de idade (Unidade)**

**Ano = 2003**

**LEGENDA: Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município**

**EIXO: Responsável pela guarda dos filhos menores de idade**



**Tabela 721 - Número de divórcios concedidos em primeira instância a casais com filhos menores de idade por responsável pela guarda**

**Variável = Número de divórcios concedidos em 1a instância a casais com filhos menores de idade (Unidade)**

**Ano = 2003**

Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município	Responsável pela guarda dos filhos menores de idade	
Brasil	Ambos os cônjuges	1.973
Nordeste	Ambos os cônjuges	393
Ceará	Ambos os cônjuges	72
Fortaleza - CE	Ambos os cônjuges	28

**Fonte: IBGE - Estatísticas do Registro Civil**

**Tabela 716 - Número de processos de divórcio encerrados em primeira instância por natureza e tipo do processo**

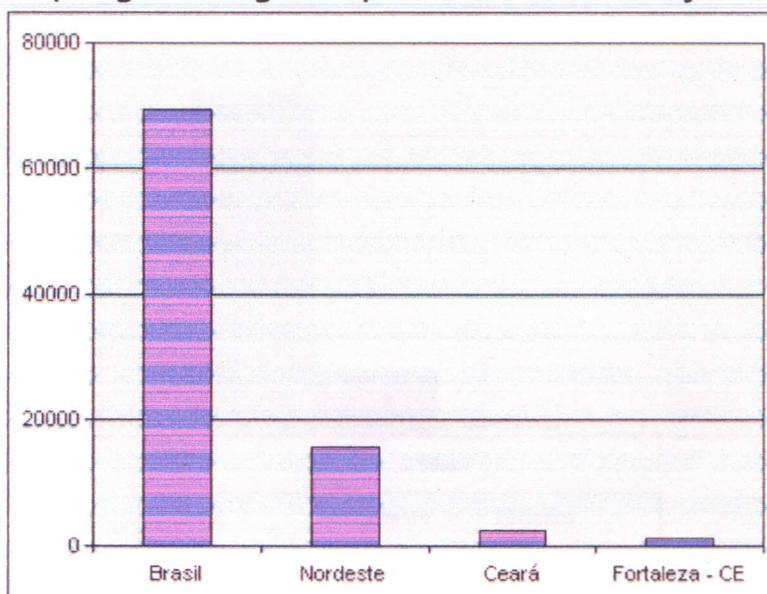
**Variável = Número de processos de divórcio encerrados em 1a instância (Unidade)**

**Natureza do processo = Consensual**

**Tipo do processo = Direto**

**Ano = 2003**

**EIXO: Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município**



**Tabela 716 - Número de processos de divórcio encerrados em primeira instância por natureza e tipo do processo**

**Variável = Número de processos de divórcio encerrados em 1a instância (Unidade)**

**Natureza do processo = Consensual**

**Tipo do processo = Direto**

**Ano = 2003**

**Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município**

<b>Brasil</b>	<b>69.391</b>
<b>Nordeste</b>	<b>15.701</b>
<b>Ceará</b>	<b>2.353</b>
<b>Fortaleza - CE</b>	<b>1.193</b>

**Fonte: IBGE - Estatísticas do Registro Civil**

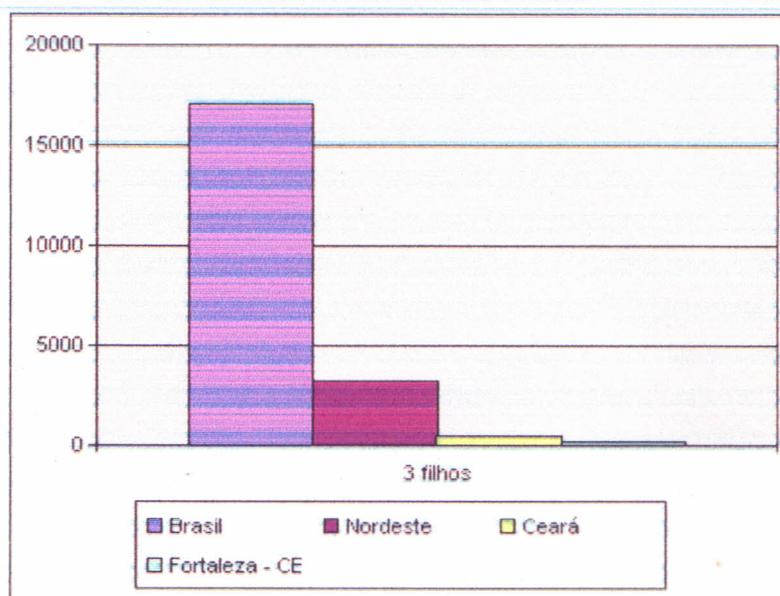
*Tabela 723 - Número de divórcios concedidos em primeira instância por número de filhos do casal*

**Variável = Número de divórcios concedidos em 1a instância (Unidade)**

**Ano = 2003**

**LEGENDA: Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município**

**EIXO: Número de filhos**



*Tabela 723 - Número de divórcios concedidos em primeira instância por número de filhos do casal*

**Variável = Número de divórcios concedidos em 1a instância (Unidade)**

**Ano = 2003**

Brasil, Região Geográfica, Unidade da Federação e Município	Número de filhos	
Brasil	3 filhos	17.013
Nordeste	3 filhos	3.214
Ceará	3 filhos	495
Fortaleza - CE	3 filhos	226

**Fonte: IBGE - Estatísticas do Registro Civil**